

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FAGED
CURSO DE JORNALISMO

CLARICE RODRIGUES BERNARDES

**JORNAL INDEPENDENTE NEXO E AS MINORIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
SOBRE PAUTAS DE CARÁTER SOCIAL**

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

2018

CLARICE RODRIGUES BERNARDES

**JORNAL INDEPENDENTE NEXO E AS MINORIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
SOBRE PAUTAS DE CARÁTER SOCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Timponi
Pereira Rodrigues

UBERLÂNDIA, MINAS GERAIS

2018

CLARICE RODRIGUES BERNARDES

**JORNAL INDEPENDENTE NEXO E AS MINORIAS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA
SOBRE PAUTAS DE CARÁTER SOCIAL**

Monografia apresentada ao Curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel Timponi
Pereira Rodrigues

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Raquel Timponi Pereira Rodrigues – UFU
Orientadora

Prof^o. Msc. Felipe Gustavo Guimarães Saldanha - USP
Examinador

Prof^a. Dr^a. Ivanise Hilbig de Andrade – UFU
Examinadora

Uberlândia, 11 de dezembro de 2018

À minha mãe Marli por ser o meu alicerce, meu maior exemplo de vida e de mulher. Por me mostrar o caminho do bem, me ensinar a agir com amor, dedicação e a me colocar sempre no lugar do outro.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato de “retribuir” e “recompensar” todas as pessoas que passaram pela minha vida durante esses anos de graduação. E ninguém melhor para representar tanta gratidão do que começar agradecendo a Deus por ter me feito jornalista. Quando indagada sobre a profissão, sempre respondia internamente que a pessoa responsável por esse mérito era Ele. Obrigada, meu Deus, por ter me capacitado para honrar o grandioso presente de viver o meu sonho. Dou graças a Ti por ter me feito tão mais forte do que eu sequer imaginaria. Tudo o que sou somente foi possível por Tua vontade.

Assim, agradeço, também, a um anjo especial, a minha mãe Marli. Mãe, quero um dia me orgulhar de mim mesma como me orgulho da senhora. Sempre foi um exemplo em tudo para mim e continua sendo a minha maior inspiração de ser humano. Muito obrigada por estar sempre ao meu lado e por ser a minha fortaleza.

E, nesse campo das mães, agradeço à minha avó Maria de Fátima. Obrigada por cada oração que me fez permanecer firme na certeza de que isso seria um propósito para mim. Agradeço por tudo e nunca me esquecerei de cada um dos milhares de “Vai com Deus” ditos pela senhora a cada vez que eu voltava para Uberlândia. Vó, a tua fé me motiva a ser um ser humano de luz a cada dia.

Também sou grata a duas mulheres que são um pedaço de mim. A minha amiga de vida, Daniela Joyce, por ser companheira de anos de convivência e zelar pela nossa amizade com dedicação e amor. E, também, a Bruna Lie, por ter se aproximado naturalmente e ter feito minha vida ser mais leve e cheia de sorrisos. Amigas, obrigada por tantos aprendizados e experiências que passamos unidas.

Minha caminhada sempre foi marcada por mulheres inspiradoras, e agradeço a mais uma delas. À minha orientadora Raquel Timponi, sou extremamente grata por ter escolhido você e por ser escolhida por você para trilhar juntas o processo de criação desta monografia. Você soube extrair o meu melhor e me motivou a dar o máximo de mim, mesmo quando nem eu sabia que era capaz. Obrigada por ser uma pessoa que se preocupa com seus orientandos e por ser uma profissional que tenho orgulho de ter trabalhado.

Agradeço, também, aos membros da minha banca, aos professores Ivanise Andrade e Felipe Saldanha. Obrigada por terem recebido meu trabalho com amor e dedicação. Sou grata à UFU, universidade que me acolheu, aos seus colaboradores e a todas as pessoas que passaram pela minha vida nesses quatro anos. Cada um dos entrevistados, dos técnicos, dos

professores e dos colegas que trabalharam comigo nessa jornada. Vocês são parte do que me tornei, obrigada por terem participado do meu crescimento.

E, por fim, sou grata a tantos colegas jornalistas, que assim como eu, buscam retratar o outro e mostrar que sempre podemos fazer o bem em prol de quem necessita.

“Faça o teu melhor, na condição que você tem, enquanto
você não tem condições melhores, para fazer melhor ainda”.

(Mario Sergio Cortella)

BERNARDES, Clarice Rodrigues. **Jornal independente Nexo e as minorias: uma análise discursiva sobre pautas de caráter social**. 2018. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

RESUMO

Esta pesquisa tem como intuito analisar se o Nexo Jornal tem se aproximado da linha editorial de um veículo tradicional ao longo do tempo e se há uma modificação temporal no tratamento das matérias. Para isso, analisa o discurso presente em seis conteúdos jornalísticos publicados pelo jornal independente Nexo, nos anos de 2016 e 2017. A seleção ocorreu a partir de uma busca manual realizada na página do veículo no *Facebook*, através das palavras-chave “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”. Como aporte teórico, o trabalho utiliza autores das teorias do jornalismo e do campo dos novos modelos de negócio. A metodologia utilizada é a Análise de Discurso (AD), a partir da perspectiva de Eliseo Verón, por meio de uma análise interpretativa do material selecionado. Conclui-se que o Jornal Nexo permanece livre em relação aos seus conceitos de política e linha editoriais e tem autonomia na escolha das pautas tratadas. Assim, apresenta, frequentemente, em seus conteúdos temas relacionados às causas humanitárias e sociais.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Jornalismo independente. Minorias. Nexo.

BERNARDES, Clarice Rodrigues. **Jornal independente Nexo e as minorias:** uma análise discursiva sobre pautas de caráter social. 2018. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

ABSTRACT

This research aims to analyze if the Nexo Jornal website has approached the editorial line of a traditional vehicle over time and if there is a modification of the contents treatment. For this, it analyzes the discourse present in six journalistic contents published by the independent newspaper Nexo, in the years 2016 and 2017. The selection is based from a manual search performed by vehicle page on Facebook, through the keywords "minorities", "poverty" and "inequality ". As a theoretical contribution, the work uses authors of journalism theories and the area of new business models. The methodology used is the Discourse Analysis (AD), by Eliseo Verón, through an interpretative analysis of the selected material. It is concluded that the journal Nexo remains free in the concepts of politics and editorial guideline and frequently deals in its contents themes related to humanitarian and social causes.

Keywords: Discourse Analysis. Independent journalism. Minorities. Nexo.

Lista de tabelas

Tabela 1 Análise de Discurso – aparatos selecionados	33
Tabela 2 Resultados da busca dos materiais jornalísticos no <i>Facebook</i>	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	DO JORNAL TRADICIONAL AO DIGITAL	14
2.1	Jornalismo tradicional e os critérios de noticiabilidade	15
2.2	Crise do jornalismo tradicional e abertura para o jornalismo pós-industrial	16
2.3	Características do jornalismo independente e o espaço para representação de pautas jornalísticas de caráter humanitário	20
2.4	Jornalismo independente e concorrência com a mídia tradicional	22
3	O JORNAL NEXO E AS PAUTAS DE CARÁTER HUMANITÁRIO	24
3.1	Breve história do Nexo	25
3.2	Recorte metodológico	29
4	ANÁLISE DO JORNAL NEXO	36
4.1	Categorias e aparatos	41
4.1.1.	Análise das matérias pela palavra-chave “minorias”	41
4.1.2.	Análise das matérias pela palavra-chave “pobreza”	46
4.1.3.	Análise das matérias pela palavra-chave “desigualdade”	52
4.2	Discussão dos resultados	57
5	CONCLUSÃO	60
	REFERÊNCIAS	62
	ANEXOS.....	66
	ANEXO A – Primeira matéria analisada no <i>site</i> Nexo	67
	ANEXO B – Segunda matéria analisada no <i>site</i> Nexo	69
	ANEXO C – Terceira matéria analisada no <i>site</i> Nexo	70
	ANEXO D – Quarta matéria analisada no <i>site</i> Nexo	73
	ANEXO E – Quinta matéria analisada no <i>site</i> Nexo	76
	ANEXO F – Sexta matéria analisada no <i>site</i> Nexo	77

1 INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação jornalísticos têm o propósito de reportar à sociedade assuntos informativos, conteúdos interpretativos e opinativos em diferentes temáticas que vão desde os esportes ao cotidiano. A produção das notícias segue uma linha editorial predefinida por cada jornal, com a utilização dos valores-notícia e de uma agenda programada de conteúdos a serem elaborados e distribuídos às pessoas.

A mídia tradicional, por estar baseada no modelo de negócio da venda de publicidade, tem relações comerciais com os agentes que patrocinam seu meio comunicacional e por isso se encontra entrelaçada comercialmente com interesses políticos. Esse fato define, muitas vezes, o que será veiculado e o que não será destacado como notícia no meio de comunicação tradicional.

Além desses interesses, com a utilização do lide, originado no século XIX nos Estados Unidos, as matérias jornalísticas tornaram-se objetivas, como aponta Lage (2005), com enfoque no o que?, quando?, como?, onde? e por quê?. Esse formato de fabricar conteúdo jornalístico produz reportagens breves, menos aprofundadas e, muitas vezes, deixa de lado a presença do personagem em suas produções na mídia tradicional.

Esta pesquisa se originou da inquietação pessoal da pesquisadora como jornalista e também como cidadã de não encontrar facilmente nos jornais tradicionais reportagens aprofundadas ou que dêem aos personagens fôlego para falar sobre problemas e temáticas do cotidiano com foco em aspectos sociais, com destaque às minorias, ao passo que, pela observação pessoal, para temas como a pobreza, desigualdade e tantos outros preconceitos determinados por classe social, cor ou raça ocorre uma representação estereotipada na grande mídia.

Neste contexto, é necessário entender qual espaço os veículos de comunicação independente e as pautas que enfocam as minorias estão ganhando com a cultura digital. Esses novos meios de comunicação abordam as pautas de maneira mais aprofundada e apresentam um conteúdo reflexivo e interpretativo. Assim, os novos modelos de negócio estão ganhando maior variedade nas formas de veiculação e interferindo no compromisso social do jornalismo e do fazer jornalístico. Qual seria, então, o papel social do jornalista?

Diferentemente das abordagens que se encaixam no padrão econômico e de negócio dos meios de comunicação, temas presentes no cotidiano da população pobre e marginalizada do país, que fazem parte das minorias, são negligenciados ou abordados de maneira rasa pelos veículos de comunicação tradicionais.

Este estudo tem a intenção de analisar como o lado humanitário do jornalismo é representado no jornal Nexo. Assim, a questão que norteia este trabalho é: o jornal independente Nexo transformou a maneira que aborda os conteúdos humanitários ao longo dos anos? Além disso, o trabalho também acrescenta para o fortalecimento do elo social do jornalista, contribuindo para a prática da ética, do jornalismo que se baseia na retratação dos problemas sociais enfrentados pela população e na prestação pública de um serviço. Desse modo, o seu objetivo geral é analisar se o Nexo Jornal tem se aproximado da linha editorial de um veículo tradicional ao longo do tempo e se há uma modificação temporal no tratamento das matérias.

Com isso, os objetivos específicos presentes nesta pesquisas são: Entender como os conceitos de jornalismo independente e a função social do jornalismo são abordados; Mapear as principais características dos jornais independentes de plataformas digitais; Contribuir com a ampliação da discussão sobre jornalismo independente no cenário brasileiro da mídia digital e Compreender a estrutura do texto jornalístico desenvolvido no jornal Nexo.

Para solução dessas questões, este trabalho analisa o discurso presente em reportagens jornalísticas produzidas pelo jornal Nexo com a temática “Jornalismo independente, a representação de pautas de caráter humanitário e a concorrência com a mídia tradicional”. Dessa forma, o objeto de análise deste trabalho é o jornal Nexo, nativo digital de viés interpretativo e reflexivo.

Além disso, esta pesquisa também trata inicialmente de uma hipótese: o veículo Nexo, que se auto-conceitua como realizador de um jornalismo independente, pelo aumento no número de leitores na plataforma digital, estaria se aproximando, ao longo do tempo, da linha editorial de um veículo tradicional.

Para trazer respostas a essas questões, a metodologia utilizada nesta pesquisa é a Análise de Discurso (AD) presente em reportagens produzidas pelo jornal Nexo. Como levantamento de dados, foi feita uma contagem de todas as produções do jornal nos anos de 2015 a 2018. Logo, foram selecionadas reportagens produzidas nos anos de 2016 e 2017. A seleção do *corpus* ocorre por meio dos anos com maior número de postagens pelo veículo de comunicação e por palavras-chave predefinidas, a partir de uma busca prévia na página do Nexo Jornal no *Facebook*, com a categorização de “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”. Assim, as matérias que continham maior número de compartilhamentos e de curtidas no *Facebook* nos dois anos predefinidos e correspondentes às palavras-chave serão analisadas nesta pesquisa.

A escolha por analisar matérias referentes há dois anos - 2016 e 2017 deu-se pela necessidade de observar as modificações na produção dos conteúdos jornalísticos referentes às palavras-chaves predefinidas, já que o jornal Nexo não apresenta conteúdo uniforme na produção e nem publicação constante nos anos de 2015 e 2018, característica a ser detalhada no capítulo referente a Metodologia.

Para o desenvolvimento desta monografia, foram tratados assuntos que permeiam o jornalismo tradicional e o digital, além de reportagens que abordam causas sociais. Assim, o capítulo intitulado “Do jornal tradicional ao digital” trata da existência de pautas humanitárias nos jornais tradicionais e como estas, se presentes, são representadas. Enfatiza, também, o surgimento de jornais independentes e o que os possibilitou ascender nesse cenário digital.

A crescente emergência desses veículos, a concorrência deles com a mídia tradicional e como eles abordam as temáticas envolvendo os direitos humanos são assuntos presentes neste capítulo. Como referencial teórico, tem-se como destaque os autores Nelson Traquina e Rafael Venâncio que abordam os conceitos de linha, política editoriais e valores- notícia, além de Caio Túlio Costa, Ramon Bezerra Costa e Raquel Longhi, com os conceitos sobre os novos modelos de negócio no jornalismo, cultura da colaboração e HTML 5, respectivamente.

O capítulo seguinte “O jornal Nexo e as pautas de caráter humanitário” aborda uma breve história do objeto de análise deste trabalho, o Nexo Jornal, e traça o recorte metodológico utilizado na pesquisa. Também explicita como foi executada a seleção do *corpus* de análise do material na página no *Facebook* do jornal Nexo, tendo como base a Análise de Discurso pela perspectiva do autor Eliseo Verón, de maneira interpretativa, analítica de um produto complexo, não apenas do textual.

O capítulo seguinte “Análise do jornal Nexo” trata das matérias selecionadas e dos resultados obtidos na pesquisa, bem como as reflexões aplicadas no objeto acerca deste trabalho. Neste capítulo, é utilizada a Análise de Discurso interpretativa das reportagens selecionadas no jornal Nexo nos anos de 2016 e 2017. E, por fim, o último capítulo trata da “Conclusão” que encerra os procedimentos desenvolvidos na pesquisa e traz projeções.

2 DO JORNAL TRADICIONAL AO DIGITAL

Os meios de comunicação jornalísticos fundamentados na objetividade e na neutralidade utilizam os dois lados presentes nos fatos noticiados, com vistas a informar o acontecimento, sem favorecimento de posições. Entretanto, em meio aos diferentes veículos comunicacionais, nem sempre essa neutralidade é evidenciada, o que acaba por favorecer o lado que tem maior voz na publicação.

Isso ocorre por meio de artifícios presentes na linha editorial dos jornais. Como aponta Venâncio (2009), na escolha das fontes entrevistadas e no espaço que elas ocupam na notícia são evidenciados mecanismos jornalísticos de presença marcante da linha editorial.

Segundo o autor, os jornais expressam a opinião do seu veículo comunicacional por meio do conteúdo que é apresentado, seja ele notícia, nota, entrevista ou reportagem. Desse modo, “(...) a linha editorial é a manifestação da opinião do jornal acerca do mundo, que influencia a construção de editoriais e que pode ou não influenciar na construção das notícias” (VENÂNCIO, 2009, p.166).

É a linha editorial que seleciona o que é ou não notícia. É por meio dela que o espaço é dividido entre informação e publicidade, já que esta última é a responsável por financiar o jornal tradicional (VENÂNCIO, 2009). Além da linha editorial, outro mecanismo que determina o que é veiculado ou não é a política editorial, vista como “o julgamento que faz sobre determinado problema ou questão do grupo de elite que mantém o veículo” (BELTRÃO, 1980, p.19). Desse modo, a imprensa jornalística se firma na visão e no posicionamento ideológicos de mundo e de como agir, conforme determina sua política editorial.

Sobre esse aspecto, Venâncio (2018) explica¹ que essa prática foi originada na Revolução Francesa como meio de os partidos políticos terem seus órgãos oficiais. Assim, as mídias que não faziam parte desse acordo entre política e jornalismo, ou seja, que não necessitavam desse artifício, eram conhecidas como imprensas comerciais, que “são empresas não veiculadas a partidos políticos ou movimentos sociais e possuem a mesma estrutura. Os jornais funcionam como partidos políticos deles mesmos” (VENÂNCIO, 2018).

Sem a necessidade de a imprensa ter como sua primordial função ser a porta-voz de um partido político, as imprensas comerciais - com a presença de uma linha e de uma política editoriais que permeiam a produção do conteúdo jornalístico - fomentam a inserção de mais

¹Informação obtida por meio de entrevista concedida à pesquisadora via *Facebook*.

veículos de comunicação que, por meio das facilidades oferecidas pelas mídias digitais, atendem as diferentes vozes dos leitores.

A necessidade de novos veículos que utilizem as potencialidades oferecidas pela tecnologia digital também incentiva a criação de diferentes meios comunicacionais que apresentem conteúdos distintos. Porém “o problema não está na influência da linha editorial nos jornais, mas sim na falta de pluralidade de modelos de jornais encontrados no mercado” (VENÂNCIO, 2009, p.223).

2.1 Jornalismo tradicional e os critérios de noticiabilidade

Os valores-notícia são utilizados em diversos processos no jornalismo: na construção das notícias e dos conteúdos como reportagens. Mais especificamente, é o valor-notícia que classifica o que é ou não informação para cada veículo de comunicação e qual a importância dada aos conteúdos em uma publicação.

De acordo com Traquina (2008, p.63), a classificação dessas notícias pode ser definida como o “conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia”. Os veículos seguem os parâmetros de noticiabilidade, pois “servem de óculos para ver o mundo e para o construir” (TRAQUINA, 2008, p.94).

São esses critérios que definem, segundo Wolf (2003, p.195), como “o conjunto de elementos através dos quais o órgão informativo controla e gere a quantidade e o tipo de acontecimentos dentre os quais há que selecionar as notícias”. Dessa forma, faz-se como fundamental que os critérios de noticiabilidade definam a hierarquização dos conteúdos jornalísticos.

Com a conceituação destes mecanismos de classificação do que é ou não notícia, os valores-notícia seguem uma padronização. De acordo com Erbolato (2008), as notícias tendem a ser lidas e aceitas pelo público, segundo uma categorização que envolve ações relacionadas a:

Proximidade, marco geográfico, impacto, proeminência (ou celebridade), aventura e conflito, consequências, humor, raridade, progresso, sexo e idade, interesse pessoal, interesse humano, importância, rivalidade, utilidade, política editorial do jornal, oportunidade, dinheiro, expectativa ou suspense, originalidade, culto de heróis, descobertas e invenções, repercussão e confidências (ERBOLATO, 2008, p.60).

O conceito de valor-notícia elenca quais critérios são analisados pelos meios de comunicação tradicionais e independentes e como eles são presentes nas pautas destes veículos. Esses valores predefinidos funcionam como parâmetros gerais para as mídias jornalísticas e variam de acordo com o público-alvo e o segmento que desejam atingir.

Pela utilização desses valores-notícia, a presença da opinião expressa por cada meio de comunicação é também definida pela linha editorial, que trata dos interesses comerciais da empresa jornalística e da escolha do conteúdo noticioso a ser veiculado. Melo (2003) define esse posicionamento dos veículos como uma seleção realizada antes de noticiar um fato:

A seleção significa, portanto, a ótica através da qual a empresa jornalística vê o mundo. Essa visão decorre do que se decide publicar em cada edição, privilegiando certos assuntos, destacando determinados personagens, obscurecendo alguns e omitindo diversos (MELO, 2003, p.75).

Além desse conceito de seleção dos conteúdos apontado por Melo (2003), o autor Verón (1999) também conceitua o posicionamento sobre o discurso, de forma que os veículos comunicacionais utilizam estratégias discursivas que os constituem e os definem de uma maneira que constroem esse mundo discursivo para o seu público.

Desse modo, a classificação do discurso impresso por meio de parâmetros presente nas empresas jornalísticas, privilegia assuntos mais rentáveis e que seguem sua linha editorial, deixando de noticiar pautas que não componham as diretrizes econômicas e editoriais desses veículos.

Com isso, os jornais tradicionais, devido aos interesses econômicos, políticos e empresariais, não oferecem muita abertura à abordagem de pautas de caráter social, apresentando esses conteúdos de maneira generalizada. Por outro lado, pode-se constatar a presença destas pautas, mais frequentes nos veículos independentes, uma vez que o tratamento dado aos assuntos jornalísticos ocorre de maneira diferente e se baseia em outros modelos de negócio (COSTA, 2014).

2.2 Crise do jornalismo tradicional e abertura para o jornalismo pós-industrial

A discussão da crise do jornalismo tradicional e a emergência de novos modelos de negócio têm ganhado expressão na academia. As autoras Daniela Osvald Ramos e Egle Müller Spinelli (2015) explicam que as empresas de jornalismo tradicional têm sofrido, desde o século XX, transformações e quedas de vendas de jornais.

Segundo as autoras, a abertura de informação no mercado digital tem ocasionado queda no número de venda de jornais impressos, o que tem consequências diretas no número de anunciantes presentes em cada publicação. Com menos vendas, as empresas jornalísticas perdem anunciantes e também o patrocínio de suas produções jornalísticas.

Neste contexto, as empresas de jornalismo tradicional vivenciam um cenário desfavorável, por sofrerem com demissões de jornalistas em massa e terem dificuldades para conseguir acompanhar o mercado novo do jornalismo na *Internet* e ainda permanecer com receitas pelas mídias tradicionais (RAMOS e SPINELLI, 2015).

O autor Caio Túlio Costa (2014), em relatório realizado e publicado na Revista da ESPM, de nome *Modelos de negócio para o jornalismo digital*, se aprofunda mais na questão. Devido à queda do número de anunciantes, as empresas tradicionais que veiculavam conteúdo jornalístico segundo sua linha editorial e seus valores-notícia tendem a buscar recursos para sair de ações como:

cortes de custos, queda do faturamento com publicidade, perda de leitores e diminuição do tamanho vêm sendo uma constante neste negócio nos últimos anos – desde a emergência das novidades trazidas pela tecnologia e pela comunicação em rede (COSTA, 2014, p.54).

Desse modo, as transformações que as mídias tradicionais vêm sofrendo deram abertura para a criação de novos veículos de comunicação, como, por exemplo, os *sites* jornalísticos que nasceram na *Internet*. De acordo com Costa (2014), a criação de jornais nativos digitais modificou a soberania dos veículos tradicionais que passaram por corte de custos e diminuição do número de leitores. Segundo o autor, a queda do jornalismo tradicional vem ocorrendo desde as novidades trazidas pela tecnologia.

Para obter lucratividade no ambiente digital, essa indústria deve se reinventar. A solução começa pelo entendimento da nova cadeia de valor. Os jornais precisam chacoalhar sua forma de se relacionar com as pessoas e respeitar as novas formas de elas consumirem informações e serviços relacionados (COSTA, 2014, p.55).

Ainda para ele, as empresas jornalísticas devem transformar o seu modelo de fazer jornalismo e se inserir no meio digital com uma nova roupagem. No ambiente digital, a indústria jornalística tem uma nova lógica de valor, que é diferente da realizada no jornal tradicional. O novo modelo de negócio do jornalismo trata de uma modelagem que aborda outros temas possíveis na plataforma de distribuição digital (COSTA, 2014).

É proposto, assim, um novo modelo de negócio para o jornalismo, com informação especializada ou generalizada, sem altos custos para se manter, contando com contribuição de

seus leitores. As empresas tradicionais, para além de fazerem a transposição do conteúdo para diferentes plataformas, devem desenvolver novas linguagens se não quiserem deixar de existir. Segundo o autor, essas novas empresas

(...) têm em comum o fato de que nasceram livres da influência de uma mãe educada na indústria tradicional do jornalismo industrial, ou seja, nasceram digitais. Do ponto de vista do conteúdo, eles avançam na ideia da informação que não para, não tem hora, pode e deve ser refeita, têm olhos para as mídias sociais, para novos formatos (como o *BuzzFeed*) e apostam em conteúdos multimídias (COSTA, 2014, p.91).

A emergência de novos modelos de negócio possibilitou a abertura ao cenário de temas abordados no jornalismo. Com isso, há um espaço maior para a criação de veículos digitais de jornalismo independente, com linguagem e narrativa que retratem pautas além do senso comum, com abordagens humanizadas e de representação social. O autor Ramon Bezerra Costa (2015) conceitua um novo fenômeno ocorrido nas relações entre os indivíduos e a realização da comunicação entre eles: a economia colaborativa.

(...) O que tem sido chamado de economia colaborativa diz respeito a práticas bastante conhecidas: o hábito de pegar algo emprestado com um vizinho ou parente, de pedir caronas, de organizar a chamada “vaquinha”, dividir o espaço de trabalho com um colega, hospedar amigos, usar bibliotecas e o transporte coletivo, entre outras práticas (COSTA, 2015, p.2).

Para ele, a economia colaborativa no jornalismo ocorre por meio da confiança entre veículo comunicacional e leitor. Por meio do *crowdfunding*, uma espécie de financiamento coletivo, os leitores financiam as publicações, mantendo o jornal funcionando economicamente, sem que ele esteja preso por meio da política editorial com seus financiadores que são agora leitores.

Ainda segundo Costa (2015), o que facilitou essa relação entre veículo de comunicação e leitor foi a *Internet*. A inserção de mídias de comunicação nas plataformas digitais e a relação de troca entre financiadores (leitores) e produtores (jornalistas) - pela confiança estabelecida entre ambos - propiciou um nicho específico nas mídias digitais. É nesse nicho que os envolvidos têm um encontro entre a confiança e as condições tecnológicas que favorecem os novos modelos de negócio na comunicação.

As transformações ocorridas nas últimas décadas em diferentes áreas comunicacionais modificaram a maneira como o trabalho jornalístico e as trocas entre os indivíduos acontecem. Nesse panorama, os meios de comunicação precisam mudar as concepções de fazer jornalismo. Segundo Anderson, Bell e Shirky (2013), o jornalismo praticado há 50 anos não tem espaço nos novos modos de se comunicar. Para os autores, a inserção de novas

técnicas no meio jornalístico não será solução para as mídias tradicionais. As organizações comunicacionais tendem a transformar seus modos de fazer jornalismo nesse campo.

A virada basicamente negativa na sorte de meios de comunicação tradicionais nos leva a duas conclusões: o custo de produção de notícias precisa cair e essa redução de custo deve ser acompanhada de uma reestruturação de modelos e processos organizacionais (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.37).

Segundo os autores, esse modelo de jornalismo é definido como “jornalismo pós-industrial”.

(...) termo originalmente empregado em 2001 pelo jornalista Doc Searls para sugerir um “jornalismo que já não é organizado segundo as regras da proximidade do maquinário de produção” (lá atrás, a lógica da redação não era administrativa, mas prática: o pessoal da redação, que produzia o texto, tinha de estar perto das máquinas que reproduziriam esse texto, em geral instaladas no subsolo) (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.37-38).

Esse novo jornalismo é fundamentado na assertiva de que as empresas jornalísticas perderam suas receitas obtidas pela publicidade e, para permanecerem no nicho da comunicação, terão de se adaptar aos novos modelos de negócio que se estruturam nas plataformas digitais. Para os autores, o modo de como fazer jornalismo tem de ser repensado e inovado, já que, segundo Anderson, Bell e Shirky, (2013, p.38), “não há, na crise atual, solução capaz de preservar o velho modelo”.

Explorar novas possibilidades no jornalismo, tanto na produção como na rotina de trabalho, é item primordial nas redações pós-industriais, as quais contam com menor número de jornalistas e buscam novas formas de renda, como vendas de assinaturas e arrecadação de dinheiro por meio da *Internet* (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013).

Uma nova maneira de buscar informações, dados e de produzir conteúdo - com fatos que não se restringem somente ao novo, que podem ser noticiados e que se diferenciam das demais informações disponíveis na rede - é o que emprega o “jornalismo pós-industrial”. Nele, o profissional jornalista tende a dispor de diferentes habilidades para viver no meio digital e produzir conteúdo para esse ambiente, de forma que o veículo disponha de artifícios para expandir as diferentes facetas do profissional, que envolve desde o programador de *site* ao produtor de conteúdo (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013).

Segundo os autores, o “jornalismo pós-industrial” tende a fazer com que as empresas tradicionais modifiquem seu modo de produzir na *Internet*. O que esse modelo projeta para o futuro é a produção em nichos especializados.

Na produção de notícias, haverá um emprego de mais técnicas: análise algorítmica de dados, representação visual de dados, contribuição do cidadão comum, incorporação da reação das massas, produção automatizada de textos a partir de dados. Haverá mais generalistas trabalhando em temas de nicho; entrevistadores especializados em temas específicos irão criar, editar e distribuir fotos, áudio ou vídeo, como numa redação de uma só pessoa (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.84).

2.3 Características do jornalismo independente e o espaço para representação de pautas jornalísticas de caráter humanitário

Entre os novos modelos de negócio e possibilidades de se fazer jornalismo digital, ocorre a emergência das produções de jornalismo alternativo e jornalismo independente pelas plataformas digitais. O conceito de jornalismo alternativo é definido por “ter um posicionamento ideológico explícito” (MENEZES, 2010, p.61), diferente do posicionamento expressado pelos veículos tradicionais, sendo uma alternativa à mídia tradicional. Esse jornalismo busca dar visibilidade às pautas que normalmente não são tratadas pela mídia convencional, abordando-as de maneira aprofundada.

Já os veículos independentes passaram a ter maior visibilidade no Brasil a partir das manifestações ocorridas em junho de 2013. Eles apresentam um jornalismo sem vínculo econômico, político ou editorial com grupos empresariais. Com a utilização de recursos próprios e a contribuição dos leitores, por meio de plataformas de arrecadação de renda para a produção de conteúdos jornalísticos, esses meios de comunicação independentes voltam-se para o papel social do jornalismo. Conforme explica Jorge Pedro Sousa (2002, p.119), “as notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam da realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa realidade”.

Essas novas mídias retratam as mazelas da população que não são mostradas pela mídia tradicional. Alguns exemplos dessas plataformas são a Agência Pública², meio jornalístico que aborda assuntos relacionados às causas sociais e realiza checagem de fatos. Entre Novembro de 2015 e Fevereiro de 2016, destaca-se o levantamento dos principais *sites* de jornalismo independente, divulgado pela Agência Pública como *Mapa do Jornalismo Independente*³ no Brasil.

²Disponível em: <https://apublica.org/quem-somos/>. Acesso em: 28 mai. 2018.

³Disponível em: <https://apublica.org/mapa-do-jornalismo/#>. Acesso em: 28 mai. 2018.

Também o *Think Olga* tem desenvolvido trabalho de produção de cartilhas que funcionam como minimanuais⁴ de jornalismo humanizado, instrutivos com o intuito de elucidar pautas de caráter social, direcionadas a assuntos sobre violência contra a mulher, pessoas com deficiência, racismo, estereótipos nocivos, LGBT, aborto e jornalismo esportivo. Ainda no universo independente, destaca-se o coletivo *Jornalistas Livres*⁵, que apresenta conteúdos voltados para a valorização dos direitos humanos e causas sociais.

Porém um veículo que tem ganhado relevância no universo de comunicação independente e expressão como mídia informativa é o Nexo Jornal, objeto deste trabalho. Criado em 24 de novembro de 2015, esse veículo é definido, segundo o texto de apresentação da aba Sobre o Nexo Jornal, como:

Nexo é um jornal digital para quem busca explicações precisas e interpretações equilibradas sobre os principais fatos do Brasil e do mundo. Nosso compromisso é oferecer aos leitores informações contextualizadas, com uma abordagem original. Para o Nexo, apresentar temas relevantes de forma clara, plural e independente é essencial para qualificar o debate público⁶ (NEXO, 2018).

Essas novas práticas, baseadas em um modelo de negócio autônomo, sem a interferência do poder mercadológico das grandes empresas, possibilitam abertura para a elaboração de novas abordagens jornalísticas, com destaque às causas sociais e humanitárias. Essas pautas de caráter humanitário, que tratam de representar a minoria de maneira aprofundada, são abordadas pelos novos modelos de jornalismo. Para Sodré (2005), a definição dessas minorias:

refere-se à possibilidade de terem voz ativa ou intervirem nas instâncias decisórias do Poder aqueles setores sociais ou frações de classe comprometidos com as diversas modalidades de luta assumidas pela questão social. Por isso, são considerados minorias os negros, os homossexuais, as mulheres, os povos indígenas, os ambientalistas, os antineoliberalistas etc (SODRÉ, 2005, p.11-12).

Ainda, segundo Sodré (2005, p.12), “o conceito de minoria é o de um lugar onde se animam os fluxos de transformação de uma identidade ou de uma relação de poder. Implica uma tomada de posição grupal no interior de uma dinâmica conflitual”. Nesse grupo de minorias, estão os negros, pobres, desempregados, subjugados pelo poder vigente, que não

⁴ Disponível em: <https://thinkolga.com/2018/01/31/minimanual-de-jornalismo-humanizado/>. Acesso em: 28 ago. 2018.

⁵ Disponível em: <https://jornalistaslivres.org/quem-somos/>. Acesso em: 28 mai. 2018.

⁶ Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>. Acesso em: 28 mai. 2018.

encontram representação na mídia tradicional, sendo esquecidos pelos veículos de comunicação tradicionais.

Além de Sodré (2005), o autor Alexandre Barbalho (2005) também discorre sobre a representação das minorias estereotipadas pela grande mídia.

Portanto, a cidadania, para as minorias, começa, antes de tudo, com o acesso democrático aos meios de comunicação. Só assim ela pode dar visibilidade e viabilizar uma outra imagem sua que não a feita pela maioria (BARBALHO, 2005, p.37).

Esse novo modelo de jornalismo visa à notícia como representação dos direitos humanos da sociedade, voltado aos interesses do cidadão comum. Ele está presente nas novas narrativas tecidas sobre a sociedade brasileira que buscam o valor social da profissão do jornalista, aspecto normalmente subjugado pela mídia tradicional, por se embasar apenas em uma linha editorial de caráter econômico.

Isso ocorre em decorrência dos veículos independentes não estarem entrelaçados comercialmente e economicamente aos interesses políticos, ou seja, pela política editorial dos dirigentes de um jornal, como ocorre no jornalismo tradicional. Desse modo, por meio de novos modelos de se produzir jornalismo e de se manter financeiramente, os veículos de comunicação, agora não baseados na publicidade, e os novos modelos de jornalismo adquirem público e modos de manter economicamente os seus veículos (COSTA, 2015).

2.4 Jornalismo independente e concorrência com a mídia tradicional

Com as novas iniciativas de jornalismo digital, uma audiência originária do jornalismo tradicional começa a adentrar nas plataformas digitais, a pagar por assinaturas de jornais *online* e também, a acessar conteúdos jornalísticos de *sites* gratuitos na *Internet*.

Neste sentido, a abertura do mercado digital traz alternativas apresentadas por novas maneiras de informar o leitor, como a introdução de ferramentas e *softwares* que facilitaram o processo de disponibilização de conteúdo informativo na *Internet*. Como aponta Longhi (2014),

em grande parte, o impacto da navegação, *design* e narrativa multimídia do projeto [de um *site*] deve-se ao uso da linguagem de marcação HTML5, a quinta evolução do HTML (*Hypertext Mark-up Language*), usada para estruturar e apresentar conteúdo na *World Wide Web*. Juntamente com outras ferramentas agregadas, o HTML5 trouxe novas possibilidades técnicas para a convergência de conteúdos multimídia, que compreende o desenho de interface e a imersão narrativa (LONGHI, 2014, p.899).

Dessa forma, o HTML5 provocou uma abertura a diversas possibilidades de produtos e inovações na linguagem do jornalismo. São exemplos: a utilização da grande reportagem multimídia e *longform*, como opção de formato em *sites* noticiosos; a inserção de novas formas de narrativas jornalísticas e de projetos de inovação no jornalismo.

Mais especificamente, a grande reportagem *longform* (FISCHER, 2013, apud LONGHI, 2014, p.112) é definida como: “1) um nível mais aprofundado de relato, que vai além do padrão cotidiano da produção (jornalística) e 2) narrativas atraentes, frequentemente com elementos multimídia, que realçam o artigo”. Assim, o jornalismo *longform* apresenta uma imersão na qualidade dos textos, que eram próprias dos jornais impressos, apresentando-os agora em um novo modelo de jornalismo digital: “trata-se de explorar o texto *longform*, além de possibilidades de navegação e leitura mais imersivas (LONGHI, 2014, p.912).

Como o espaço digital é economicamente mais acessível, além da opção de reportagens mais longas, o jornalismo também passa a dar ênfase às causas de ONGs e a pautas de caráter social, pela possibilidade de serem publicadas na rede digital.

A expansão para abordagem de temas inovadores também ocorre pelas novas tecnologias que transformaram a maneira dos indivíduos se comunicarem. Segundo Anderson (2006), a *Internet* possibilitou a criação de diversos mercados de nicho dentro da comunicação. A expansão do mercado comunicacional propicia novos modos de produção e consumo de produtos jornalísticos em veículos independentes que disputam o acesso dos leitores e permeiam uma área antes dominada pelos grandes conglomerados jornalísticos.

3 O JORNAL NEXO E AS PAUTAS DE CARÁTER HUMANITÁRIO

Os meios de comunicação se utilizam de técnicas jornalísticas para conceituar o que é informação e veiculá-la como notícia. Esse processo informacional ocorre por meio de sua linha editorial com os valores-notícia e por uma agenda programada de conteúdo que define o que é importante para o público, de forma que seja noticiado pela maioria dos veículos de comunicação.

Os assuntos necessários para o público e definidos como informação pelos meios de comunicação são resultado de um agendamento, a *agenda setting*. Essa espécie de agendamento das notícias foi proposta na década de 1972 por Maxwell McCombs e Donald Shaw e, segundo Wolf (2005) é responsável por moldar a forma dos conteúdos informativos. Desse modo, os meios de comunicação são responsáveis por padronizar o que será consumido pelo público nas diferentes mídias, de forma que o público seja informado sobre o mesmo assunto em diferentes suportes.

Ainda segundo o autor, por meio do agendamento os veículos de comunicação disponibilizam os temas a serem noticiados nas diferentes mídias. Em meio a esse agendamento, os profissionais da comunicação têm o poder de “deixar passar” e de “barrar” conteúdos informativos. Tais ações são definidas por meio dos *gatekeepers*⁷ da informação, que noticiam os temas pautados e deixam de noticiar os demais assuntos. Dessa forma, as matérias a serem transmitidas ao público se tornam igualitárias, ou seja, abordam as mesmas pautas e deixam outras fora dessa agenda, já que “a dependência das mesmas fontes de notícia, sobretudo agências internacionais, contribui para acentuar essa homogeneidade de conteúdo” (BARROS FILHO, 1995, p.189).

Uma vez que o agendamento determina a intensidade e a forma que o assunto é coberto pela mídia, veículos que rompem com a estratégia tradicional, guiada pela margem dominante da política editorial e dos investimentos da publicidade, modificam a hierarquia do conteúdo que é determinado como informação. As novas mídias, pautadas em bases financeiras obtidas por meio de assinaturas do veículo no ambiente digital e com diretrizes que visam um jornalismo como um novo modelo de negócio, expandem a margem de assuntos tratados e a forma como são abordados.

⁷Termo originado do Inglês para designar o “porteiro” que gerencia o que é notícia em uma redação jornalística.

Quase todo aspecto da paisagem jornalística vai comportar mais variedade do que hoje. Não estamos migrando de grandes organizações de mídia para pequenas, ou de uma cobertura lenta para a rápida. O espectro dinâmico do jornalismo está aumentando ao longo de vários eixos simultaneamente. A internet criou mais demanda por formatos narrativos e por notícias factuais, por uma gama maior de fontes em tempo real e pela distribuição mais ampla de textos de fôlego (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.83).

Sem a necessidade de veicular o que os jornais tradicionais já noticiam da mesma maneira, esses meios de comunicação baseados em um novo modo de se fazer jornalismo, se utilizam da explicação, da interpretação e de diferentes narrativas e modelos para conquistar um público e tratar de assuntos distintos de maneira aprofundada e sobre diferentes áreas.

3.1 Breve história do Nexo

O Nexo, *site* jornalístico nativo digital, disponibilizado em seu endereço na *Internet* em 24 de novembro de 2015, foi fundado pela cientista social Paula Miraglia, pela engenheira Renata Rizzi e pelo jornalista Conrado Corsalette. O jornal foge do conceito de jornalismo tradicional ao mesclar profissionais de diferentes áreas em sua redação com jornalistas vindos de jornais tradicionais, *designers* e desenvolvedores que compõem uma equipe de 30 profissionais (DONINI, 2017).

De acordo com entrevista⁸ *online* realizada pela jornalista Marcela Donini em 2017 e divulgada pelo Farol Jornalismo, o jornal, com sede em São Paulo e abrangência nacional, apresenta uma estrutura de produção diferente dos demais veículos, principalmente da mídia tradicional que conta com reuniões de pauta. Os profissionais trabalham de maneira conjunta na produção de conteúdos informativos e em menor número, de forma que todos os membros da equipe participam da escolha das matérias e da maneira que elas serão produzidas.

Sobre essa questão de redações pequenas e na diversidade dos conteúdos produzidos, os autores Anderson, Bell e Shirky (2013) mostram modos de como os profissionais e as empresas jornalísticas estarão trabalhando em alguns anos. Esse formato se aproxima do modo de produção do “jornalismo pós-industrial”, no qual:

a maioria dos veículos de comunicação, no entanto, terá uma redação menor (em termos do total de profissionais na folha de pagamento). Ao mesmo tempo, haverá muito mais atores de nicho do que hoje, com operações

⁸ Disponível em: <https://medium.com/farol-jornalismo/nexo-jornal-reafirma-a-possibilidade-do-debate-p%C3%BAblico-80696b21a7c5>. Acesso em: 18 set. 2018.

menores e mais especializadas (*Outer Banks Voice, Hechinger Report*) (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.83).

Segundo Donini (2017), pela ausência da publicidade como forma de patrocínio, o Nexo não conta com uma equipe comercial responsável pelo campo econômico do jornal. Essas pessoas trabalham conjuntamente às demais e são responsáveis por cuidar das outras formas de obtenção de renda.

Em entrevista concedida por *e-mail* à pesquisadora, é explicado como ocorre o modelo de negócios do jornal, pelo aspecto financeiro. “O investimento inicial do jornal vem de capital próprio de seus sócios fundadores. O Nexo tem um modelo de negócios baseado em receitas com assinaturas, sem publicidade” (NEXO, 2018). Por meio de um composto de assinaturas⁹ de leitores e de plataformas de financiamento, o espaço destinado ao jornal e a cobertura jornalística é expandido, sem necessitar da veiculação de conteúdos patrocinados.

O diferencial nesse modelo de negócio explicativo empregado pelo Nexo é a união entre a equipe editorial e a de gestão que foram pensadas de maneira conjunta e se unem para realizar um jornalismo interpretativo e sem amarras editoriais. Como aponta o jornal em entrevista¹⁰ referente às suas diretrizes.

O Nexo tem um modelo editorial voltado ao jornalismo de contexto, iniciativa pioneira no Brasil, e tem como seus principais pilares o equilíbrio, o uso de evidências e dados e a clareza do conteúdo produzido, sempre apresentando posicionamentos diversos para que nosso leitor tenha subsídios para formar sua própria opinião (NEXO, 2018).

A criação do jornal Nexo em uma plataforma digital - *site* jornalístico em um cenário pelo qual os meios de comunicação já não se sustentam mais com modelos de negócio baseados na publicidade (RAMOS e SPINELLI, 2015), é uma alternativa de inovação baseada na convergência dos meios de comunicação. Nesse campo, novas maneiras de se produzir e disponibilizar informação se tornam mais propícias ao meio digital.

Neste sentido, o Nexo ao iniciar na *Internet*, adota uma narrativa inovadora: a do jornalismo explicativo. Para Forde (2007, p. 227 apud HOEWELL 2017, p.4) o jornalismo explicativo é aquele que realiza “explicação e interpretação de eventos complexos e fenômenos localizados no contexto social, político e cultural”. O jornalismo explicativo, empregado nos conteúdos disponibilizados pelo Nexo, é divergente ao jornalismo tradicional,

⁹Segundo o *site* do jornal Nexo, em 2018 as assinaturas eram de forma mensal e anual. A assinatura mensal custa R\$12,00 e a assinatura anual R\$120,00.

¹⁰ Entrevista realizada pela pesquisadora por *e-mail*.

uma vez que não prioriza a utilização do lide como meio primordial do jornalismo como fazem os veículos de informação tradicionais. Para Norris (2015, s/p apud HOEWELL 2017, p.4) “se o conteúdo da notícia se concentra no ‘Quem, O Que, Quando e Onde’, o jornalismo explicativo parece informar o leitor do ‘Como e por que’”. Com o jornalismo explicativo como norte de suas produções, o jornal Nexo investe em um:

modelo editorial e de negócio, da ideia de um jornalismo exclusivamente digital que pudesse ser relevante e inovador. A gente tinha uma ideia mais propositiva, uma proposta de modelo editorial. (...) Você pode ser hoje um veículo independente, exclusivamente digital, ser relevante e estar junto com players grandes do mercado. Isso é fundamental pra gente pensar o futuro do jornalismo, não só no Brasil mas no mundo. Pensar em como vai ser esse ecossistema do jornalismo no Brasil daqui pra frente (DONINI, 2017).

Sobre esse conceito de jornalismo reflexivo e sua inter-relação com a interpretação dos dados, a junção dessa maneira de informar os leitores à noção de jornalismo interpretativo, fundamenta o viés do Nexo Jornal de contextualização, além de somente informação. Assim, "um modo de aprofundar a informação" com a função de "relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial", em um "um sentido conjuntural" não se finda a "dar conta do que acontece, já que o jornalista interpreta o sentido dos acontecimentos" (DIAS et. al., 1998, p.8). O veículo analisado se auto-conceitua como um produtor de conteúdo reflexivo e interpretativo, sendo assim, uma mescla da análise interpretativa de dados com a contextualização dos textos presentes, gráficos e imagens em suas matérias.

Sobre o impacto dessa forma de produzir jornalismo, questões sobre o público foram suscitadas. Mas, sem pesquisas sobre o perfil do público do jornal Nexo, já que a empresa não fornece dados referentes à audiência dos assinantes, Paula Miraglia afirma em entrevista que o Nexo tem dois públicos. O primeiro é formado por um perfil de mais idade, que lê os jornais tradicionais e o Nexo e, o segundo, é composto por jovens que geralmente se informam pelas novas mídias, como o Nexo (DONINI, 2017).

Segundo Hoewell (2018), dados da Companhia de tecnologias da informação *SimilarWeb*¹¹, apontam que o Nexo teve aumento no número de acessos. Em novembro de 2016 o *site* contava com 960 mil acessos e em novembro de 2017 com 2,40 milhões de acessos. Como aponta o autor,

¹¹ Disponível em: <https://goo.gl/GKpiQp>. Acesso em 20 set. 2018.

de acordo com estimativas de outubro de 2017, 42,6% dos acessos por computador vinham redirecionados de sites de redes sociais, 25,12% eram diretos, 25,83% eram oriundos de sites de busca, 4,79% vinham de outros links e 1,6%, por e-mail” (HOEWELL, 2018, p.55).

Autores que estudam os novos modelos de jornalismo e a maneira como estes se comunicam, afirmam como será o público, que, por sua vez, consumirá mais conteúdos e de diferentes fontes.

Haverá mais gente consumindo mais notícia, e de mais fontes. A maioria dessas fontes terá uma noção clara de seu público, dos setores específicos que cobre, de suas competências básicas. Um número menor dessas fontes será de “interesse geral”; ainda que uma organização decida produzir um apanhado completo das notícias do dia, o leitor, o telespectador e o ouvinte vão desmembrá-lo e distribuir, por suas distintas redes, aquilo que lhes interessa, e nada mais. Um crescente volume de notícias vai ser consumido por essas redes *ad hoc*, não por um público fiel a uma publicação específica (ANDERSON, BELL e SHIRKY, 2013, p.83).

Para a conceituação de um jornalismo que é inovador, já que o veículo foi o primeiro a investir em um modelo de negócio explicativo no Brasil, os fundadores do Nexo se inspiraram nas redações tradicionais e em modelos estadunidenses. De acordo com entrevista¹² ao portal do jornal O Estado de São Paulo, o Estadão, dentre as inspirações para a criação do Nexo estão o *site Vox*¹³, o *Quartz*¹⁴, ambos dos Estados Unidos e o tradicional *The New York Times*¹⁵.

Conforme entrevista concedida a Donini (2017), com a definição do que se queria como um jornalismo explicativo e interpretativo, a equipe do Nexo teve um ano de pesquisa no mercado comunicacional e mais de dois meses nos quais os profissionais trabalharam sem o jornal ser lançado. Mesmo após o lançamento e tendo uma redação diversificada, o veículo passa por reestruturação, à medida que busca a sua definição e prática de jornalismo.

Como inovador no mercado jornalístico explicativo brasileiro, o jornal Nexo vem crescendo em audiência desde 2015, conforme argumenta Paula Miraglia, cofundadora e diretora-geral do Nexo em entrevista: “A gente é muito feliz quando tem uma boa audiência, e ela vem crescendo de maneira consistente desde que a gente foi lançado” (DONINI, 2017).

¹² Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/em-foca/por-que-fazer-um-grafico-para-esse-assunto-a-metodologia-do-nexo-jornal/>. Acesso em: 18 set. 2018.

¹³ Disponível em: <http://vox.com/>. Acesso em 13 set. 2018.

¹⁴ Disponível em: <https://qz.com/>. Acesso em 13 set. 2018.

¹⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/>. Acesso em 13 set. 2018.

Com o investimento em novas narrativas e diferentes abordagens comunicacionais, o Nexo Jornal modifica parâmetros jornalísticos tradicionais, com novas narrativas e ocupa um cenário de destaque na comunicação digital.

3.2 Recorte metodológico

Para a realização da presente monografia, tinha-se como proposta de trabalho a utilização de uma metodologia que se baseava no recorte do *corpus* de análise do jornal Nexo, de forma a trabalhar com matérias publicadas na semana de lançamento do jornal, iniciada em 24 de novembro de 2015 em comparação com a semana anterior à realização da análise¹⁶ desta pesquisa (mês de outubro de 2018). Assim, seriam coletadas e analisadas matérias produzidas dos dias 24 a 28 de novembro de 2015 e de 24 a 28 de setembro de 2018, de anos distintos, ou seja, do ano de lançamento do Nexo e do ano de realização deste trabalho, objetivando comparar as mudanças na produção dos conteúdos presentes no jornal.

Como modo de seleção do material foi utilizada a ferramenta de busca por palavra-chave no *site* do jornal Nexo. No entanto, a ferramenta de busca do *site* do Nexo não coletava os materiais por meio das datas corretamente, ela analisava por títulos e por conteúdos das matérias e não por data de postagem, como era o que a pesquisadora buscava.

Com isso, como solução desse entrave, uma série de tentativas de contato da pesquisadora com a redação do jornal Nexo teve início ainda no mês de agosto de 2018. Esse processo ocorreu, inicialmente, por *e-mails* consecutivos, mas sem retornos e, posteriormente, por ligações, mas também sem sucesso com relação aos dados solicitados pela pesquisadora.

Dessa forma, por meio do envio de mais *e-mails* à redação do jornal com o intuito de agendar uma entrevista com algum membro da equipe, foi enviada uma resposta à pesquisadora com indicação de *links* de quatro matérias de veículos de comunicação que foram realizadas com os cofundadores do jornal Nexo, o que foi utilizado como fonte de consulta e dados para a pesquisa. Juntamente a esse *e-mail*, foi pedido que a pesquisadora enviasse o total de três questões e estas seriam respondidas pelo veículo Nexo, porém, o conteúdo foi respondido dois meses após o envio e somente com retorno de uma resposta, as duas últimas questões apareceram sem um posicionamento expressivo do jornal, somente com a informação de que não seriam capazes de responder as questões.

¹⁶ Esta pesquisa teve o mês de outubro dedicado à análise do material coletado por meio da seleção do *corpus*. Sendo assim, o material coletado referia-se até setembro de 2018.

Assim, dentre os questionamentos enviados à redação do jornal Nexo, a única questão respondida pela equipe foi: “Com base em entrevistas realizadas com o Nexo Jornal, sempre é dito que ele não seria uma mídia alternativa para se opor a alguém. Mas, que é uma alternativa independente e nativa digital, então, como o jornal se mantém como mídia independente, com seu modelo de negócio e como é definida sua linha editorial?”. As questões seguintes que não foram respondidas são: “O Nexo Jornal não abre os números referentes à sua audiência, mas desde o seu surgimento em 2015, houve um aumento nesse número. Com base no alcance e na inserção do Nexo no mercado jornalístico, o jornal se coloca em concorrência com a mídia tradicional? Por quê?” e, a última questão: “Com o foco no jornalismo contextualizado e em um novo modelo de negócio o Nexo Jornal se vê como uma alternativa as demais mídias e à maneira que elas tratam as pautas de caráter social e humanitário? Por quê?”. Para estas duas questões a resposta do veículo foi: “Infelizmente, não conseguimos responder a essa pergunta” (NEXO, 2018).

A pesquisadora realizou outras ligações ao jornal, com o intuito de agendar uma entrevista com a redação, embora sempre seja dito que o retorno será por *e-mail*. Devido à demora e a ausência do agendamento, não foi possível realizar a entrevista proposta para a coleta de informações sobre a rotina produtiva do veículo de comunicação e sobre as estatísticas de acesso ao *site* e do retorno do público do jornal, somente foi utilizada a resposta de uma questão recebida por *e-mail*. A partir desse ponto, o recorte metodológico foi alterado, de maneira a possibilitar uma sequência ao trabalho de pesquisa.

Como um caminho alternativo para a seleção do *corpus* desta monografia, foi necessária a ferramenta de busca do *Facebook* do jornal Nexo por meio da utilização das palavras-chave “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”. A escolha de tais palavras-chave é decorrente da amplitude que elas carregam em seus significados, pois abarcam mais subtemáticas consigo, por trazerem conteúdos que tratam de outras temáticas como feminismo, preconceito, discriminação, mas que não deixam de tratar em si o lado social e humanitário presente na profissão do jornalista.

Por meio da ferramenta de busca pelas palavras foram encontradas matérias postadas nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018. Esse material coletado foi dividido inicialmente por anos, segundo a data de postagem do conteúdo no *Facebook*, informação que difere da data de postagem desses conteúdos no *site* do Nexo. Após essa seleção foram escolhidos dois anos em que houve o maior número de publicações sobre essas temáticas, tratando-se dos anos de 2016 e 2017. Nesses anos, foram selecionadas as matérias que continham maior número de compartilhamentos e de curtidas primordialmente no *Facebook*. Já as matérias que não tinham

esses números expressivamente, foram realizadas somas do número de curtidas e de compartilhamentos e as matérias que continuam maior valor numérico referente a essa soma foram selecionadas para análise.

O critério dessa escolha deu-se pela relação das matérias mais compartilhadas e mais curtidas pelo público como forma de “aprovação” do trabalho jornalístico de definição de pautas realizado pelo veículo de comunicação. Sendo assim, os conteúdos com maior número de compartilhamentos e curtidas, se somados, representam as publicações escolhidas pela pesquisadora sobre cada temática predefinida.

Os materiais jornalísticos referentes a “minorias”, “pobreza” e “desigualdade” que despertaram maior interesse para o público que acompanha o trabalho do jornal e se interessa por pautas de caráter social e humanitário foram coletados por meio de suas ações na rede social, em forma de curtidas e de compartilhamentos dos conteúdos. Nessa coleta, quanto à exclusão dos comentários na seleção do *corpus*, foi definido que não seriam incluídos, uma vez que ao analisar os comentários presentes na página, que vão desde aprovação do conteúdo, debates, até sugestões de correções gramaticais, ampliaria o processo de coleta para o campo da análise de recepção, e este não é o objetivo desta pesquisa.

Desse modo, após essa primeira triagem dos dados para o processo de pesquisa e seleção do *corpus*, presente na abordagem de pesquisa quantitativa, o próximo passo a ser realizado é a análise discursiva dos materiais com base em pesquisa qualitativa, fundamentada na interpretação dos conteúdos veiculados pelo jornal Nexo nos anos 2016 e 2017 por meio da busca pelas palavras-chave “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”.

Ao final, foram selecionadas seis matérias, sendo duas publicações de cada palavra-chave pesquisada, de forma que uma matéria é de 2016 e outra de 2017, segundo a data de postagem no *Facebook* do jornal Nexo. A realização do trabalho de análise ocorre por meio da análise interpretativa, que vai além do que é dito, para a questão de como é dito conforme aponta o autor Eliseo Verón (1980). Vale salientar que a seleção de matérias jornalísticas em dois anos consecutivos deu-se pela ausência de publicação periódica e em grande número do jornal Nexo nos anos de 2015 e 2018. Assim, a análise dos conteúdos ocorre em anos consecutivos por se tratar de postagens periódicas e abundantes nesse período.

Desse modo, faz-se a análise destes materiais jornalísticos, a fim de buscar a representação de conteúdos humanitários e sociais por meio das palavras-chave utilizadas pela ferramenta de busca no *Facebook* do jornal Nexo. Assim, partindo da Análise do Discurso realizada em matérias do jornal Nexo em diferentes anos - 2016 e 2017 - pretende-se atender ao principal objetivo desta pesquisa que é analisar se o Nexo Jornal tem se aproximado da

linha editorial de um veículo tradicional ao longo do tempo e se há uma modificação no tratamento das matérias, baseado na definição das palavras-chave sobre tal temática.

Dessa maneira, a informação jornalística veiculada pelo jornal Nexo é o material usado para a análise nesta pesquisa. Como forma de comunicação entre o meio produtor de conteúdo (Nexo) e seu público (leitores/assinantes), a pesquisa analisa o discurso produzido pelo veículo por meio dos conteúdos selecionados.

A escolha pela análise discursiva, com viés de estudo do autor Verón (1980), ocorre pela existência de informação e de sentido advindos pela produção dos discursos e de ideologias. Assim, a análise por meio de artifícios ideológicos não se finda somente à análise do discurso, ela vai além, engloba setores como o que se quis dizer com o texto, o aparato social envolvido no discurso, a maneira como é exposto e sua linguagem não verbal.

Como forma de inter-relacionar os conceitos entre o meio de comunicação e o leitor, os estudos de Verón (1999) apontam para o “contrato de leitura”.

A relação entre um suporte e seu leitorado repousa sobre aquilo que nós chamaremos de contrato de leitura. O discurso do suporte, de um lado, seus leitores, de outro, são as duas “partes” entre as quais se atêm, como em todo contrato, um laço, aqui a leitura (VERÓN, 1999, p.05).

Nesse contrato, o enunciador é tido como o emissor da mensagem, o receptor como a pessoa a quem o discurso é emitido e, por fim, qual relação existe entre ambos. Segundo o autor, o conceito é empregado para análise comparativa de materiais em suporte impresso, embora esta monografia se baseie em materiais disponíveis no suporte digital, a utilização do método empregado pelo autor ocorre por meio da presença de discursos nas matérias jornalísticas no veículo Nexo.

Ainda, segundo Verón (1999), as estruturas enunciativas existentes nos conteúdos de um discurso são parte integrante desse conceito. Desse modo, o “contrato de leitura” trata-se na presente pesquisa da análise de itens selecionados nos materiais jornalísticos, como titulação, enunciado, imagens e como eles transmitem discursos ao leitor.

Sobre esse aspecto de enunciação, outro autor, Charaudeau (2006), explica que a informação a ser transmitida depende da escolha discursiva de seu enunciador. Sendo assim, a escolha dele se caracteriza por informar algo e não informar sobre alguém. Dessa maneira, essas escolhas informacionais são de função do enunciador. Este não se atém somente em escolher o conteúdo a ser enunciado, ele persiste na escolha do sentido que essa ação acarreta se valendo de estratégias discursivas na emissão desse conteúdo.

Com a seleção das estratégias discursivas, os meios de comunicação se valem de produtores de conteúdos a serem veiculados. Assim, nesta pesquisa, os aspectos de troca e de recepção abordados por Verón (1999) e Charaudeau (2006) não são empregados em sua totalidade. O recorte está no aspecto do ponto de vista do produtor, cerceado na análise discursiva do que é emitido e de como essa ação é realizada, sem se fixar na análise dos sujeitos.

Com base nessa perspectiva, são selecionadas estratégias discursivas presentes nas matérias produzidas pelo jornal Nexo nos anos 2016 e 2017, por meio de aparatos de análise, como mostra a tabela seguinte.

Tabela 1 - Análise de Discurso – aparatos selecionados

Título	Pergunta, questionamento, fala de alguma fonte, direto, indireto	Qual o sentido produzido?
Linha fina	Pergunta, questionamento, fala de algumas fonte, direto, indireto	Qual o sentido produzido?
Lide	Existe? Quais perguntas responde?	Qual o sentido produzido?
Pirâmide invertida	Como se estrutura? Grande reportagem ou matéria jornalística?	Qual o sentido produzido?
Conteúdo	Seleção de frases e trechos das matérias jornalísticas, discursos e posicionamento como linha editorial	Qual o sentido produzido?
Assunto	Qual a pauta tratada? Como é tratada?	Qual o sentido produzido?
Fontes	Tipos de fontes consultadas Espaço ocupado por elas. O que dizem e como	Qual o sentido produzido?

dizem? Tem visibilidade?		
Como?		
Enunciador	Ponto de vista do veículo	Qual o sentido produzido?
Receptor	Dirige-se a algum grupo específico?	Qual o sentido produzido?
Diagramação/uso de imagens	Como é feito?	Qual o sentido produzido?
Fonte: Elaborado pela autora		

A utilização de tais parâmetros é necessária para descobrir qual o sentido produzido pela mensagem emitida pelo meio de comunicação. E, ainda, na percepção de que se houve ou não diferença nas matérias produzidas pelo jornal Nexo nos anos de 2016 para 2017 referentes às temáticas sociais de “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”.

Por meio da Análise do Discurso das matérias do jornal Nexo, propõe-se uma ação que permeie os parâmetros sobre os modos de enunciação e de discurso presentes nas matérias produzidas pelo veículo comunicacional. Pela realização desta análise, é possível descobrir a maneira como o veículo se expressa e emite seu discurso aos leitores. Com base nisso, pela comparação de matérias distintas é apontado que:

se a análise de discursos é comparativa, se trabalha relacionando superfícies discursivas umas com as outras, é porque é impossível saber, considerando isoladamente uma ‘unidade’ discursiva qualquer, quais são os traços cuja detecção é pertinente para chegar à descrição operacional de uma certa economia discursiva (VERÓN 2004, p. 162 -163 apud ANDRADE 2017, p.10).

Dessa forma, com a análise de materiais jornalísticos produzidos pelo mesmo veículo em anos diferentes - 2016 e 2017 - a análise discursiva não se vincula somente ao que é exposto de forma gramatical – por meio dos textos. Ela se apoia também aos parâmetros de sentido - por meio do verbal e não-verbal e, ainda, pela maneira como foram produzidos.

Com base nos parâmetros definidos para a Análise do Discurso do *corpus* desta pesquisa como modo de responder a questão que norteia este trabalho - O jornal independente Nexo transformou a maneira que aborda os conteúdos humanitários ao longo dos anos? busca-se apontar as premissas discursivas utilizadas pelo jornal Nexo e como estas são empregadas em suas produções.

Com base nos procedimentos de coleta e análise discursiva, esta pesquisa apresenta abordagem metodológica com proposta quanti-quali. Nesse processo, o levantamento de dados numéricos referentes às postagens efetuadas pelo jornal Nexo presentes nas tabelas anteriores fundamenta o caráter quantitativo da pesquisa. Na análise e descrição dos materiais a serem analisados, o caráter qualitativo é notório, uma vez que as duas propostas complementam as ações desenvolvidas nesta monografia. Como aponta Gramsci:

Afirmar, portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto “corpóreo” do real, não significa que se pretenda esquecer a “qualidade”, mas, ao contrário, que se deseja colocar o problema qualitativo da maneira mais concreta e realista, isto é, deseja-se desenvolver a qualidade pelo único modo no qual tal desenvolvimento é controlável e mensurável (GRAMSCI, 1995, p.50).

Ainda segundo o autor, a relação entre objetividade e intersubjetividade da pesquisa é determinada pelo pesquisador. Assim, a “qualidade está sempre ligada à quantidade” (GRAMSCI, 1995, p. 51) e, nesta pesquisa se relacionam para explicitar etapas de seleção e de análise de materiais coletados.

4 ANÁLISE DO JORNAL NEXO

Como mecanismo de coleta das matérias jornalísticas a serem analisadas nesta monografia, conforme já dito, foi efetuada uma busca manual pelas palavras-chave “minorias”, “pobreza” e “desigualdade”, pela página oficial do veículo Nexo na rede social digital *Facebook*, objetivando realizar um levantamento dos conteúdos produzidos pelo veículo de comunicação nos anos de 2015, 2016, 2017 e 2018.

Após a escolha das palavras no processo de busca, foram selecionados conteúdos jornalísticos produzidos nos quatro anos predefinidos pelo maior número de curtidas e compartilhamentos somados. Nesse processo, não foram selecionadas matérias pelo número de reações apresentadas na página como “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “Grr”, pois elas podem indicar tanto uma proximidade maior do leitor com a matéria quanto um afastamento, como por exemplo, no caso da expressão de raiva, representada por “Grr”.

As curtidas foram analisadas de maneira geral, conforme aparecem na página do *Facebook* o número referente ao total de curtidas, sem especificar em quais categorias elas se enquadram. Como este trabalho não se pauta em estudos de recepção, a pesquisadora somente utilizou esses parâmetros como forma de análise de conteúdos que tenham sido relevantes para o público do jornal. Os materiais referentes a essa pesquisa aparecem na tabela a seguir.

Tabela 2 - Resultados da busca dos materiais jornalísticos no *Facebook*

Palavras-chave	Anos	Datas	Compartilhamentos	Curtidas
Minorias	2015	Sem resultados	Sem resultados	Sem resultados
	2016	22 de março	155	533
	2016	30 de junho	33	178
	2016	18 de julho	17	63
	2016	21 de agosto	54	427
	2016	24 de outubro	14	38
	2017	20 de janeiro	355	1000
	2017	24 de janeiro	12	40
	2017	7 de fevereiro	145	1100
	2017	7 de março	3	49
	2017	29 de julho	6	39
	2017	28 de setembro	43	141
	2018	Sem resultados	Sem resultados	Sem resultados
	2015	20 de dezembro	64	550

Pobreza	2016	1 de março	19	40
	2016	27 de setembro	436	742
	2016	12 de outubro	94	106
	2016	12 de outubro	249	1200
	2016	14 de novembro	180	763
	2016	7 de dezembro	361	1300
	2016	9 de dezembro	260	816
	2016	10 de dezembro	19	104
	2017	5 de abril	358	451
	2017	12 de maio	74	205
	2017	16 de outubro	431	875
	2017	29 de outubro	241	484
	2017	19 de novembro	491	854
	2017	24 de dezembro	22	100
	2017	26 de dezembro	873	1700
	2018	10 de maio	54	197
	2018	7 de junho	90 - vídeo	223
	2018	30 de agosto	30	72
	2018	15 de setembro	8	22
	2018	22 de setembro	16	85
Desigualdade	2015	Sem resultados	Sem resultados	Sem resultados
	2016	13 de janeiro	203	567
	2016	19 de fevereiro	137	488
	2016	16 de março	229	814
	2016	6 de abril	1431	1600
	2016	9 de abril	633	1300
	2016	15 de abril	78	233
	2016	1 de maio	593	1700
	2016	17 de maio	190	494
	2016	31 de maio	488	942
	2016	26 de junho	92	186
	2016	9 de julho	45	91
	2016	21 de julho	48 - vídeo	78
	2016	31 de julho	26	82
	2016	31 de julho	253	600
	2016	2 de agosto	12	79
	2016	2 de agosto	21	61
	2016	3 de agosto	1	29
	2016	1 de setembro	722	2000
	2016	11 de setembro	145	841
	2016	27 de setembro	436	742
	2016	12 de outubro	94	106
	2016	27 de outubro	63	126
	2016	6 de novembro	1	8

2016	20 de novembro	79	193
2016	27 de novembro	35	73
2016	7 de dezembro	9	45
2016	9 de dezembro	260	816
2016	13 de dezembro	181	2300
2016	21 de dezembro	1067	1800
2016	26 de dezembro	220	1100
2017	12 de janeiro	1102 - vídeo	1500
2017	12 de janeiro	28	64
2017	26 de fevereiro	26	168
2017	8 de março	30	81
2017	19 de março	1	40
2017	20 de março	99	512
2017	5 de abril	358	451
2017	17 de maio	20	172
2017	4 de junho	2	12
2017	15 de junho	1398	2100
2017	20 de julho	118	374
2017	31 de julho	464	774
2017	1 de agosto	909	1600
2017	4 de agosto	22	61
2017	24 de agosto	12	56
2017	18 de setembro	75	147
2017	25 de setembro	637	1300
2017	5 de outubro	15874 – vídeo	4700
2017	10 de outubro	70	228
2017	15 de outubro	23	91
2017	19 de outubro	17	96
2017	20 de novembro	80	179
2017	30 de novembro	95	217
2017	1 de dezembro	53	152
2017	26 de dezembro	873	1700
2017	28 de dezembro	53	219
2018	1 de fevereiro	107	1000
2018	4 de fevereiro	59	352
2018	8 de março	15	72
2018	13 de abril	21	48
2018	13 de maio	116	269
2018	7 de junho	90 - vídeo	223
2018	19 de junho	36	114
2018	30 de agosto	1035 - vídeo	633
2018	11 de setembro	16	74
2018	22 de setembro	19	66
2018	26 de setembro	164	270

Fonte: Elaborado pela autora

A tabela categoriza os conteúdos pelas palavras-chave, seguidos pelos anos, conforme data de publicação com base no calendário dos meses presente nas postagens realizadas no *Facebook*. Neste campo é válido salientar dois pontos: as postagens aparecem com datas distintas no *Facebook* e no *site* oficial do jornal, assim sempre são selecionadas as postagens com base na publicação no *Facebook*, e ainda que o retorno das palavras-chave incluía as referências no título do *post*, no texto jornalístico e nos comentários, sendo obrigatória a sua presença no título da postagem.

A seleção dos materiais foi feita manualmente, desde as primeiras postagens existentes na página do *site* www.nexojornal.com.br, lançada em 2015, quando constavam nas referidas palavras-chave, e contabilizadas até a data de 9 de outubro de 2018, período em que a pesquisadora realizou a etapa de seleção do material jornalístico. As postagens baseadas em vídeos foram contabilizadas nesta primeira seleção, mas descartadas nas triagens e etapas seguintes, pelo fato de o intuito da pesquisa ser a análise discursiva presente no texto corrido das matérias jornalísticas do jornal Nexo, além das fotografias e infográficos complementares.

Na contabilização de todos os conteúdos jornalísticos produzidos no período, foram selecionados os dois anos que continham mais postagens. Na busca inicial foram encontradas matérias que apareceram mais de uma vez, ou seja, continham em seus títulos, linhas finas ou comentários mais de uma palavra-chave utilizada na coleta definida pela pesquisadora. Em caso de essas matérias repetidas aparecerem em mais de uma busca por palavra-chave de uma temática, com o maior número de curtidas e compartilhamentos, como critério de seleção a pesquisadora optaria pela segunda matéria selecionada em termos de visibilidade na rede. Todavia, esse caso não apareceu durante o levantamento das informações e dos conteúdos.

Dessa maneira, essas matérias foram contabilizadas na tabela, de forma a incluir os conteúdos jornalísticos que continham simultaneamente maior número de curtidas e de compartilhamentos somados. É válido também ponderar que essas curtidas indicam tipos diferentes de consumidores e quanto maior o número de comentários mais ativos esses consumidores são. Porém, como esse não é foco da análise, as reações somente serviram de indicativos da importância das matérias, por terem atingido um público maior.

Nesse cálculo, a partir de todas as palavras-chave analisadas, os anos de 2016 e 2017 contaram com o maior número de publicações e por isso foram selecionados. Desses anos, as duas matérias com maior número de compartilhamentos somados ao maior número de curtidas pelo público da página no *Facebook* foram selecionadas para análise, totalizando seis conteúdos. Com isso, em relação a palavra-chave “minorias” foram encontrados cinco materiais jornalísticos no ano de 2016 e seis no ano seguinte. Já com a segunda palavra-chave

“pobreza” foram publicados oito conteúdos em 2016 e sete em 2017. Vale ponderar que o número de postagens referente a 2018 também foi alto, sendo de cinco publicações até a data analisada. Por fim, com a palavra-chave “desigualdade”, em 2016 foram publicadas 30 matérias e em 2017, 26 textos jornalísticos. É notório que com esta palavra-chave o número de publicações aumentou exponencialmente, o que denota uma ação de interesse, definida como importante na confecção de pautas para o jornal Nexo.

Conforme busca realizada pela palavra-chave “minorias”, foram encontrados onze resultados, referentes aos anos de 2016 e 2017, já que não houve postagem com essa temática nos anos de 2015 e 2018. Dessas publicações, foram selecionadas para a Análise do Discurso as duas matérias com tal temática. Publicada em 22 de março de 2016, com 155 compartilhamentos e 533 curtidas na página do *Facebook* do jornal, a matéria “O estresse no trabalho é um problema de saúde pública. Especialmente para as minorias” trata da subtemática de negros/hispânicos. Ainda com a palavra-chave “minorias”, em 2017, a outra matéria selecionada foi: “Como é o teste que se propõe a identificar preconceitos inconscientes”, do dia 20 de janeiro de 2017, com 355 compartilhamentos e 1000 curtidas, que trata da subtemática “preconceitos”.

Com a segunda palavra-chave “pobreza” foram encontrados 21 resultados, entre os anos de 2015 e 2018, embora em 2015 somente um resultado tenha sido encontrado. Desses materiais, a publicação selecionada em 2016 foi “Quem são as mães de crianças com microcefalia devido à infecção por zika”, com 361 compartilhamentos e 1300 curtidas, postada em 7 de dezembro de 2016, matéria que trata da subtemática “pobreza/doença”.

Em 2017, a seleção foi do texto “Por que a desigualdade ainda persiste no Brasil, segundo este pesquisador”, publicação realizada em 26 de dezembro. O conteúdo jornalístico trata de uma entrevista pingue-pongue com um pesquisador sobre a temática de “pobreza e desigualdade”. O material teve 873 compartilhamentos e 1700 curtidas na rede social.

Por fim, na busca pela palavra “desigualdade” foi encontrado o maior número de resultados, 67 postagens, porém sem nenhum conteúdo em 2015. No ano de 2016, a matéria publicada em 6 de abril “Desigualdade: 10% concentram 52% da renda no país” conta com 1431 compartilhamentos e 1600 curtidas, com a temática de “renda/concentração de renda”.

Em 2017, ainda sobre “desigualdade”, o último conteúdo selecionado foi “Como o sistema tributário brasileiro colabora para a desigualdade”, com a temática de “tributação/renda”, datada de 15 de junho, com 1398 compartilhamentos e 2100 curtidas na página no *Facebook*. Sobre essa matéria, presente no Anexo F na página 76 deste trabalho, é válido ponderar que apresenta uma data diferente da informada, já que os *prints* são realizados

por meio do acesso das matérias no *site* do Nexo, já que elas não podem ser lidas no *Facebook*. Assim, no levantamento de dados sempre são informadas as datas de postagens na rede social, diferente dos Anexos que constam *prints* das mesmas publicações com datas distintas por referenciar a postagem do conteúdo no *site*.

Com os materiais definidos, a análise discursiva por meio dos estudos do autor Eliseo Verón (1980) ocorre com base nas seis matérias selecionadas.

4.1 Categorias e aparatos

O conteúdo jornalístico foi separado segundo categorias que terão destaque na análise: 1) a estrutura da matéria jornalística, 2) a presença de personagens e como são colocados no texto, 3) o sentido das informações - a partir de frases extraídas das matérias jornalísticas e 4) a utilização das imagens, categorias estas predefinidas para traçar um padrão nas análises, com base na mesma metodologia.

Essas categorias dialogam com os aparatos selecionados produzidos e que constam na Tabela 1 Análise de Discurso – aparatos selecionados, na página 33. Na tabela, esses aparatos surgem de maneira detalhada, com a seleção do que será analisado sobre cada setor nas seis produções do veículo Nexo e, nesta seção, quando aparecem como definido nas quatro categorias são colocados de maneira resumida, ou seja, de forma que estabelecem quatro macro categorias que analisa setores que são comuns aos aparatos selecionados citados anteriormente.

4.1.1. Análise das matérias pela palavra-chave “minorias”

A primeira¹⁷ matéria jornalística a ser analisada, referente à palavra-chave “minorias”, é “O estresse no trabalho é um problema de saúde pública. Especialmente para as minorias”, ela foi postada no dia 22 de março de 2016 e teve 155 compartilhamentos e 533 curtidas na página do Nexo no *Facebook*.

Em relação à estrutura da notícia jornalística, o texto aborda a temática do trabalho sem qualificação profissional realizado pelas minorias, representadas pelos hispânicos e negros. Por meio dessas classes, o papel da educação ou de uma educação precária se

¹⁷Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/03/22/O-estresse-no-trabalho-%C3%A9-um-problema-de-sa%C3%BAde-p%C3%BAblica.-Especialmente-para-minorias?fbclid=IwAR2mKMiHF5AL0Pw-TSpj9qil8k3Kqi8aHt0DaUxYp4uCGPcse4L9JcAw708>. Acesso em: 17 nov. 2018.

apresenta como reflexo dos empregos com má qualificação. O veículo de comunicação traz a influência dos trabalhos sem a exigência de escolaridade como um resultado da piora na saúde dos funcionários, como no trecho: “o estresse está relacionado com condições de trabalho mais precarizadas, em cargos que são ocupados por trabalhadores com menos acesso à educação” (FREITAS, 2016).

O conteúdo analisado trata-se de uma matéria jornalística breve, de forma a responder as questões presentes no lide no decorrer do texto jornalístico. O título e a linha fina reforçam as classes que mais sofrem com o estresse e com os trabalhos menos qualificados. Utilizando-se das ferramentas de destaque e finalização – título e linha fina – a jornalista desperta a atenção do leitor para as condições de trabalho e como elas afetam a saúde da classe trabalhadora.

A existência de *links* no decorrer do material aponta para trabalhos jornalísticos e estudos científicos produzidos sobre o tema, o que mostra a origem da pauta que motivou a produção do conteúdo. Como destaque, a presença de um estudo é mencionada na linha fina: “Estudo realizado nos EUA mostra como negros e hispânicos, com menor escolaridade, são os mais afetados por más-condições de trabalho” (FREITAS, 2016), de modo a informar o leitor a fonte científica dos dados apresentados na matéria.

A jornalista se utiliza de um intertítulo que enfatiza algumas informações adicionais para o contexto do Brasil. É citado o *telemarketing* no país como estratégia de inserir o leitor do jornal brasileiro na pesquisa. Com o objetivo de expor um estudo produzido nos Estados Unidos e como o seu resultado afeta a saúde de grande parte da população trabalhadora, a jornalista, além de validar o que é informado por meio de pesquisas estrangeiras, apresenta estudos brasileiros para comprovar suas assertivas sobre as condições de trabalho de profissionais no país.

O texto traz como fontes os estudos e as pesquisas científicas, sem a presença de um entrevistado personagem, o que marca a forma de escrita particular do veículo. Sobre esse aspecto, é válido frisar a prática comum da construção de textos pautados em pesquisas e divulgação de dados, tal como o veículo se define em sua página principal do *site*¹⁸, o que pode estar relacionado à falta de pessoal na redação para o processo de apuração diretamente com as fontes. Além disso, é preciso considerar o número expressivo de *links* para artigos

¹⁸ Disponível em: www.nexojournal.com.br/about/Sobre-o-Nexo. Acesso em: 07/11/18.

científicos, o que indica o público-alvo que o veículo almeja como leitor da plataforma – inclui-se o projeto Nexo Edu¹⁹ e Nexo Acadêmico²⁰.

Retornando à primeira matéria, as únicas falas de personagens que foram empregadas são um trecho dedicado a um “olho” (destaque) presente no decorrer do texto que se refere a um especialista em comportamento organizacional, retirado de uma entrevista concedida a outro veículo de comunicação (ou seja, fonte secundária e não previamente apurada).

Ao final da matéria, outra especialista é citada, porém, mais uma vez, sua fala não aparece nas formas direta ou indireta. O texto menciona um estudo da referente pesquisadora que tem reflexos no Brasil, de forma a ser citado pela jornalista: “De acordo com um estudo da pesquisadora Mônica Duarte Cavaignac, da Unesp (...)” (FREITAS, 2016).

Durante o processo de leitura, normalmente o usuário do *site* buscaria a presença de personagens pertencentes às classes trabalhadoras mais afetadas pelas precárias condições de saúde, o que seria uma forma de humanizar a matéria. No entanto, a opção do texto é de, somente, enfatizar os pesquisadores como fontes entrevistadas, o que poderia ser um indicativo da proximidade do veículo com um jornalismo científico.

Em relação ao sentido presente no material jornalístico, o texto é produzido de forma a mesclar linguagem verbal (textos) e não verbal (imagem e gráfico). A maneira como o estudo realizado nos EUA é descrita enfatiza uma linguagem pedagógica, uma vez que o conteúdo explica qual a metodologia realizada para comprovar tais afirmações, como o trecho exemplifica:

Para chegar ao resultado, os pesquisadores analisaram 228 estudos que mostram como fatores de estresse associados ao ambiente de trabalho afetam a saúde do trabalhador. Depois, um algoritmo foi usado para separar os resultados por etnia e identificar quem são os grupos mais atingidos pelas condições precárias de trabalho (FREITAS, 2016).

O material também apresenta alguns trechos nos quais ficam evidentes as classes mais afetadas nas questões sobre saúde e condições de trabalho, como na frase: “Pessoas com nível educacional mais baixo acabam em trabalhos com condições piores - jornadas de trabalho mais longas, grande rotatividade e ambiente desagradável. Com menos educação, elas têm menos poder de escolha” (FREITAS, 2016).

¹⁹ Trata-se de uma ferramenta destinada a professores e estudantes com a seleção de conteúdos produzidos pelo jornal relacionados à educação. Disponível em: www.nexojornal.com.br/edu. Acesso em: 07/11/18.

²⁰ Trata-se de uma editoria fixa criada pelo jornal com publicações sobre diversos temas relacionados as disciplinas educativas. Disponível em: www.nexojornal.com.br/academico. Acesso em: 07/11/18.

Sobre esse aspecto, a jornalista deixa claro qual o sentido a ser transmitido ao leitor, é a opinião expressa do veículo transmitido por uma política editorial a favor da minoria, de forma a relacionar uma melhor educação a um poder de escolha de um bom emprego em comparação a menos anos de educação como consequência de uma piora na qualidade do trabalho. Isso ocorre tanto na descrição do estudo nos EUA, como no Brasil, com o exemplo das empresas de *telemarketing* e dos “baixos salários e desrespeito a questões de saúde” (FREITAS, 2016).

Como presença de imagens, o material jornalístico apresenta uma fotografia que aborda mais do que o título e a linha fina transmitem. Ela mostra um trabalhador suspenso por uma corda no alto de um prédio, como se estivesse em obras ou em um serviço externo. Além do que é representado verbalmente nas palavras iniciais da matéria, a imagem complementa o texto e mensura a condição em que os trabalhadores estão expostos em diferentes formas de trabalho, nesse caso, de perigo.

Em seguida, a estratégia discursiva é de trazer informações sobre o assunto tratado, por meio da utilização de um gráfico retirado do estudo mencionado na matéria que aborda gêneros e a expectativa de vida, com base nos anos que cada indivíduo se dedica à educação. A imagem e o gráfico reforçam o sentido de perigo ao qual os trabalhadores menos qualificados estão expostos, seja sem segurança ou por condições de estresse que diminuem a expectativa de vida, como mostra o Anexo A, na página 66.

Com uma narrativa explicativa sobre as condições de trabalho e saúde, o material jornalístico mistura as duas linguagens, com vista a fazer o leitor interpretar o que a má qualidade na educação pode acarretar no seu desenvolvimento como funcionário na juventude e na sua expectativa de vida na velhice. O discurso adotado pelo jornal Nexo nessa narrativa retorna à consulta de fontes de estudiosos, com o intuito de validar o que as condições precárias de trabalho acarretam na saúde da população, objetivando veicular o conteúdo como um alerta ao seu público.

O segundo²¹ material jornalístico selecionado no *corpus* desta pesquisa foi produzido em 20 de janeiro de 2017, intitulado “Como é o teste que se propõe a identificar preconceitos

²¹Disponível em <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/01/20/Como-%C3%A9-o-teste-que-se-prop%C3%B5e-a-identificar-preconceitos-inconscientes>. Acesso em: 17 nov. 2018.

inconscientes”. O conteúdo teve 355 compartilhamentos e 1000 curtidas, tratando-se da subtemática “preconceitos”.

O texto trata de um artigo científico produzido por uma psicóloga atuante no Reino Unido sobre preconceitos inconscientes e retoma um estudo, denominado “Projeto Implícito” produzido em 1998, responsável pelo desenvolvimento de um teste que permite revelar os preconceitos implícitos dos indivíduos.

O título e a linha fina da matéria enfatizam de onde vêm as pesquisas e quais preconceitos elas identificam: “Baseado em pesquisas das universidades de Harvard, Yale, Washington e Virgínia, quiz avalia reações quanto a grupos como homossexuais, trans, gordos, mulheres e negros” (FÁBIO, 2017). Logo no início, o leitor já é informado sobre quais preconceitos o texto trata.

Ainda sobre a estrutura, o conteúdo é iniciado com uma afirmativa do jornalista sobre o tema tratado na matéria. No segundo parágrafo é utilizado um trecho selecionado da fonte, para somente, no quarto parágrafo ter-se o lide com as especificações do que trata o conteúdo informativo, o que se acontece, especialmente no gênero reportagem em que há um espaço maior para a contextualização de uma temática de forma mais aprofundada e que justifica o “nariz de cera” no primeiro parágrafo.

O texto é escrito para informar o leitor de maneira pedagógica sobre as formas de preconceito inconsciente e convidá-lo a realizar o teste descrito na matéria. O conteúdo explicita metodologicamente qual a proposta do teste e, também, traz exemplificações de como foram desenvolvidas suas metodologias sobre os tipos de preconceitos: “A ideia central é que pessoas que possuem uma avaliação negativa sobre um grupo têm mais facilidade e agilidade em pressionar as teclas corretas para associá-lo a conceitos negativos quando o teste pede que isso seja feito de forma rápida” (FÁBIO, 2017).

É válido destacar a escolha da linguagem aberta do quiz voltada ao público da *Internet*, para incitar a participação e o compartilhamento entre as redes, o que também justifica o elevado número de curtidas e o grande fluxo dessa informação na rede digital. Para possibilitar a reação e participação, o texto contém dois *links* que se referem ao projeto apresentado inicialmente e também ao teste, para que o mesmo possa ser realizado pelo leitor do texto jornalístico. Salienta, porém, ao leitor que o teste só pode ser realizado em inglês, o que poderia ser um limitador no acesso do público brasileiro, ou determinar um público-alvo conhecedor fluente de outras línguas estrangeiras.

Por fim, quanto à estrutura textual, a presença de um intertítulo traz a solução para os preconceitos apontados pelo teste. A utilização de tal artifício jornalístico contribui com

informações sobre o que os indivíduos podem fazer para minimizá-los, o que funciona como uma interpretação de um hábito cultural e como um termômetro para os índices de preconceitos da população. O principal indicativo para a feitura do teste é destacado na matéria. “A sugestão é que pessoas que compreendem suas próprias tendências evitem se colocar em situações em que possam exercê-las contra alguém” (FÁBIO, 2017). Em outras palavras, quaisquer preconceitos inconscientes que o leitor tenha, ele evitará após a realização do teste, quando exposto a situações que possa demonstrá-los.

Por se tratar de um artigo sobre uma pesquisa científica, novamente as fontes utilizadas são trechos dos autores dos trabalhos. Nenhuma fonte personagem é entrevistada, de forma que o conteúdo tratado como entrevista é um trecho retirado do artigo produzido pela psicóloga Magdalena Zawisa e alguns trechos referenciados ao “Projeto Implícito”. Esse elemento reforça a interpretação da característica e modelo de construção das reportagens por parte do veículo digital, mais focado em dados e no contexto sócio-cultural do que em personagens.

O sentido produzido ao leitor é de identificação e aceitação de preconceitos, muitas vezes, apaziguados pelo próprio indivíduo, de forma a fazê-lo pensar sobre eles, como tratá-los de maneira a não afetar outrem e na perspectiva da mudança. Um exemplo citado no texto são os gêneros (“médicos, motoristas, babás e líderes mundiais”), que, se representados de forma igualitária nas diferentes mídias, “(...) as associações que fazemos a cada gênero serão mais igualitárias - e o preconceito, menor” (FÁBIO, 2017).

A presença de uma imagem também ilustra a aplicação do teste na vida cotidiana e a realização dele por qualquer tipo de pessoa. A junção das informações com a imagem busca fortalecer o sentido de aplicação e de associação com os estudos apresentados na matéria jornalística, de forma a abordar as diferentes maneiras de preconceitos e reconhecê-los para poder apaziguá-los.

4.1.2. Análise das matérias pela palavra-chave “pobreza”

A terceira²² matéria a ser analisada refere-se à palavra-chave “pobreza” e foi publicada em 7 de dezembro de 2016. Intitulada “Quem são as mães de crianças com microcefalia

²²Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/12/07/Quem-s%C3%A3o-as-m%C3%A3es-de-crian%C3%A7as-com-microcefalia-devido-%C3%A0-infec%C3%A7%C3%A3o-por-zika?fbclid=IwAR0C0nQbfZDW89LIy-5y1d614wR1Y3LCduSssSp97Dg4yoVOlsnfT95q-NE>. Acesso em: 17 nov. 2018.

devido à infecção por zika” teve 361 compartilhamentos e 1300 curtidas, tratando da subtemática “pobreza/doença”.

O conteúdo jornalístico é uma reportagem envolvendo a saúde de bebês expostos ao vírus zika. No decorrer do texto são desdobrados, pela jornalista, alguns itens como as reviravoltas do caso sobre a liberação do aborto para mães com suspeitas de bebês com microcefalia e o posicionamento das leis brasileiras e da Organização Mundial da Saúde sobre o tema.

As outras notícias analisadas nesta pesquisa são baseadas no fator de divulgação científica, enquanto nesta reportagem, o conteúdo tratado são os altos números de mulheres que contraíram a doença transmitida pelo vírus zika durante a gestação. O conteúdo tem assim, valor-notícia no período em que foi abordado e uma função de prestação de serviço à população. O foco é retratar o contexto da informação de modo mais aprofundado e o caráter social do enfoque (abordagem – recorte) enfatizar a questão dos menos favorecidos como principais prejudicados em relação ao vírus e o problema da falta de conscientização dessa população.

A divisão estrutural da reportagem é composta de várias vertentes, apresentadas agora por fontes oficiais, por intertítulos no decorrer do texto e por gráficos que complementam as informações veiculadas. A composição do título pedagógico, seguido pela linha fina que responde à questão sobre quem são as pessoas atingidas pela decisão judicial sobre o aborto em casos de bebês com microcefalia, enfatiza a população afetada por graves problemas sociais e de saúde: “mulheres jovens, negras e solteiras” (DIAS, 2016).

O texto é iniciado de maneira reflexiva nos dois primeiros parágrafos, com a presença de marcas de coloquialidade. Nesta reportagem, a jornalista produz o sentido interpretativo de dados colocados à disposição do leitor, de forma a conscientizá-lo sobre qual a classe mais atingida pela doença e, conseqüentemente, porque tratar da relação de pobreza e saúde, a exemplo: “Jovens, negras, sem ensino superior. E, em quase metade dos casos, solteiras. É esse o perfil da maioria das mães de crianças com microcefalia (...)” (DIAS, 2016).

A definição da classe mais afetada pela doença logo na primeira frase da reportagem e o impacto desse fato na saúde pública ainda fortalece o viés judicial tratado em diversos trechos no material.

A presença de *links* ocorre durante todo o percurso de leitura e é utilizada diversas vezes pela jornalista, seja para citar as propostas legais sobre a lei, os danos do vírus à saúde e até para referenciar uma entrevista de um veículo de comunicação estrangeiro. Além de diversos *links*, o emprego de intertítulos no conteúdo é diversificado, sendo utilizado quatro

vezes na reportagem em abordagens dos desdobramentos da temática. Inicialmente com “O perfil das mulheres atingidas pela doença em 4 gráficos” a reportagem evidencia dados explicativos sobre os números que apontam quem são as mulheres mais atingidas pelo zika.

Logo, segue-se com o intertítulo “Por que a doença atinge a população mais pobre”, buscando respostas sobre apontamentos presentes no intertítulo anterior, números sobre renda e condição financeira dessas classes afetadas, utilizados no trecho: “Um estudo feito em Pernambuco, Estado que registrou o maior número de casos da doença, mostrou que 77% das famílias com suspeita de microcefalia no Estado estão na pobreza extrema: ou seja, em que cada pessoa sobrevive com R\$47 por mês” (DIAS, 2016).

O próximo intertítulo “O impacto da possível decisão do STF” trata da historicização do que houve com a epidemia de zika, os trâmites dos processos e o posicionamento de órgãos mundialmente importantes como a ONU. E, a última subdivisão produzida pela jornalista “Os argumentos contra o aborto nos casos de zika” articula uma seleção de argumentos da população, colocados distintamente em tópicos.

A utilização de uma reportagem pelo veículo para tratar dessa temática, enfatiza o viés explicativo por meio do aprofundamento dos assuntos acerca da doença. Com a presença de subtítulos e pela escolha do gênero reportagem, temáticas complementares também são abordadas.

Quanto aos personagens, o texto apresenta como fonte somente uma antropóloga, Débora Diniz. Ela destaca as condições já vividas pelas mulheres que têm gestações com suspeitas de microcefalia e quais consequências, nesse caso ruins, elas terão com filhos que necessitam de mais auxílio do Governo.

Mais uma vez a reportagem não traz fontes humanizadas, ou seja, personagens que tenham tido filhos com microcefalia em consequência da doença e gestações de risco que também não são abordadas. Complementam as demais fontes abordadas no texto jornalístico os posicionamentos de diversos órgãos oficiais, como a Organização Mundial da Saúde, o governo federal, o Ministério da Saúde, a ONU – por meio de “O Alto Comissário de Direitos Humanos das Nações Unidas” e da “porta-voz”. Além destes, alguns órgãos judiciais são citados de forma indireta para validar seus pedidos de avaliação sobre o caso, mas sem nenhuma referência a frases ditas por eles como fontes.

Quanto ao sentido produzido ao leitor, o entendimento do texto é de que famílias que já vivem na pobreza, muitas vezes, extrema, sem acesso a condições básicas de saúde e saneamento ofertadas pelo Governo estão propensas a piores condições, pois sofrem com doenças como a microcefalia. “A infecção por zika atinge principalmente a população mais

pobre por causa de fatores urbanos (...). Falta de saneamento básico (...) e acúmulo de lixo oferecem condições favoráveis para a procriação do mosquito” (DIAS, 2016).

A presença de diferentes fontes, como a área da saúde e da justiça, valida o que é informado pela reportagem. Isso comunica ao leitor o que ocorreu sobre o caso e permite que ele tome posicionamento com base nas informações noticiadas pelo veículo de comunicação.

No decorrer do texto, a presença de vários intertítulos faz o conteúdo ficar mais leve de ser lido, de forma a especificar em cada um deles, qual fonte está em destaque. E, ainda, na relação de sentido, os argumentos contra o aborto colocados em forma de tópicos pelo meio de comunicação melhoram a interpretação de cada um deles, tornando-os compreensíveis.

Por fim, a utilização da fotografia de uma gestante de oito meses em um cenário de pobreza, em uma favela, reforça o estereótipo de que piores condições de vida e o acesso escasso ao saneamento são sinônimos de doença, tese defendida pela jornalista e por fontes consultadas na reportagem. A relação entre a narrativa do jornal, da imagem e dos dados presentes no gráfico reforça a pobreza e a ineficiência do Governo na solução de problemas sociais.

A última²³ matéria sobre a palavra-chave “pobreza” é denominada “Por que a desigualdade ainda persiste no Brasil, segundo este pesquisador”, datada de 26 de dezembro de 2017, trata de uma entrevista sobre “pobreza e desigualdade”. O material conta com 873 compartilhamentos e 1700 curtidas.

O texto trata de uma entrevista com o especialista em pobreza e desigualdade, Rafael Osório. De maneira geral, o jornal parece seguir a opinião do entrevistado escolhido, o que pode ser demonstrado pela técnica de seleção de destaques, modo de colocação do título e linha fina, demonstrando o posicionamento da linha editorial do veículo, que apesar de se denominar independente traz a valorização de temas relacionados às minorias.

O meio de comunicação apresenta essa informação logo na linha fina do texto para o leitor ser informado de que a visão de um pesquisador será expressa no conteúdo veiculado pelo jornal. Entretanto, a profissional realiza uma introdução anterior à entrevista, que dialoga sobre a temática e comunica ao leitor de onde surgiu a pauta que deu origem ao texto. Nessa parte inicial, a divulgação da “Síntese dos Indicadores Sociais” pelo IBGE já afirma o que o

²³Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/12/25/Por-que-a-desigualdade-ainda-persiste-no-Brasil-segundo-este-pesquisador?fbclid=IwAR3UBHRKoBfy5_QEwxcqaPZvo9AbvWrGleINB8IUqS3bJ2tYyJuaCGl_1fs. Acesso em: 17 nov. 2018.

leitor verá no material: “A pesquisa mostrou também que a desigualdade social no Brasil persiste” (BANDEIRA, 2017).

Como em outra matéria já analisada nesta pesquisa, o jornal se utiliza novamente de um título pedagógico, que nesse caso, trará respostas por meio da entrevista do pesquisador concedida ao jornal. A exemplo: “Por que a desigualdade ainda persiste no Brasil, segundo este pesquisador” (BANDEIRA, 2017). Por meio dessa ação, o jornal transmite ao público que a motivação da desigualdade social e, conseqüentemente, os problemas causados por ela serão solucionados pelo pesquisador entrevistado, o que demonstra um posicionamento a favor do tema social.

Os dois parágrafos iniciais anteriores à entrevista fazem parte do lide jornalístico. A partir de uma primeira análise, pode-se observar que a estrutura da entrevista, com perguntas e respostas contextualizadas, passa a compreensão da informação ao leitor. As questões mesclam dados concretos com projeções e posicionamentos do pesquisador entrevistado, como por exemplo: “A pesquisa mostra que mais de 13 milhões vivem em extrema pobreza no Brasil. Como interpretar esse dado, considerando os programas de proteção social?” (BANDEIRA, 2017).

O conteúdo é tratado como matéria jornalística, com foco fundamental nas respostas defendidas pelo pesquisador sobre a temática abordada. São destacadas algumas falas, colocadas como “olhos” no decorrer da entrevista, fazendo o leitor se atentar para trechos de impacto do entrevistado. Eles aparecem sempre em momentos que o entrevistado referencia os valores econômicos e de qualidade de vida: “No Brasil, não estamos recompensando esforço, mas remunerando privilégios” (BANDEIRA, 2017).

A presença de diversos *links* com a pesquisa, os programas mencionados sobre políticas públicas informam o leitor mais do que somente a entrevista. Eles oferecem mais informação, além do que está escrito na matéria jornalística.

Quanto aos personagens, o pesquisador é o foco primordial pelo qual a matéria é estruturada e, inicialmente, o IBGE é citado como fonte indireta, apenas para informar de onde partiu o estudo pelo qual a entrevista foi originada. Sem mais fontes, o objetivo da matéria se estrutura por meio do entrevistado, uma vez que este é o protagonista do conteúdo jornalístico.

A reprodução de trechos das falas do pesquisador transmite ao leitor um sentido de que o país ainda precisa de mais ação política para acabar com a desigualdade social, o que mais uma vez demonstra um posicionamento do jornal a favor das causas das minorias. A utilização dessas frases e as respostas contextualizadas e explicativas do entrevistado trazem a

compreensão de que, além de melhora financeira, são necessárias condições dignas aos mais pobres. “Estudos já mencionaram várias vezes que o Brasil não é propriamente um país pobre, mas é um país desigual” (BANDEIRA, 2017). Por meio dessas ações, o Nexo trabalha temáticas referentes às minorias de maneira aprofundada, ação que não é corriqueira nos jornais tradicionais.

Além de frases de impacto, respostas que tocam o leitor pela sensibilidade transmitem compaixão pelo país e pela situação atual da educação, como exemplo:

Pense em uma pessoa que nasceu na fronteira do Piauí com o Maranhão. Se fosse um menino ou menina que tinha potencial para inventar a cura da Aids, nós o perdemos, porque essa pessoa não terminou o segundo grau, não terminou ensino médio, não vai para a faculdade (BANDEIRA, 2017).

Esse trecho, usado pela jornalista como penúltimo parágrafo antes de encerrar a entrevista, transmite o posicionamento do jornal com o intuito de demonstrar os prejuízos deixados pela desigualdade social ao país de agora e ao país do futuro.

Por fim, quanto à utilização de imagens, várias fotografias trazem contextualização às informações transmitidas ao leitor. Inicialmente, a fotografia de uma menina de aproximadamente cinco anos com uma enxada na praia aparece em primeiro plano, algumas roupas em um varal provisório são mostradas ao lado de uma casa, elementos diferentes da forma de visualização comum de um cenário praiano no Rio de Janeiro. Logo, ao fundo e em segundo plano algumas bandeiras e pessoas na areia da praia contrastam com a menina. A legenda dessa imagem informa se tratar de um protesto contra a desigualdade, ocorrido no Rio de Janeiro. A junção dessas peças, o cenário da cidade e a situação atual da criança, em uma casa com papelão e pedaços de madeira, demonstram a desigualdade social transmitida no decorrer do texto, além de reforçar o posicionamento e cobrança do meio de comunicação sobre as injustiças sociais.

Em seguida, ao longo da entrevista, uma imagem do pesquisador entrevistado é utilizada para situar o leitor no campo imagético de quem está fornecendo as declarações. E, no meio do texto é colocada uma imagem de uma camiseta do Brasil pendurada em um varal, suja de um lado e limpa de outro. A fotografia conceitual fornece a interpretação de que a desigualdade persiste e que a parte suja da roupa representa a população do país que vive na pobreza e passa por dificuldades. Já a parte limpa da camiseta simboliza a classe rica, que fica com a maior parte da riqueza do país.

Mais uma vez, a desigualdade é colocada em primeiro plano para o leitor. Com a junção verbal e não verbal, o veículo mostra ao público do jornal que a desigualdade está presente em todos os cantos do país, o que é enfatizado do início ao fim do texto.

Por fim, o último conteúdo desta matéria é um vídeo intitulado “Qual o papel das políticas de redistribuição de renda na redução das desigualdades”, apesar de não ser o intuito inicial desta monografia, o vídeo é um conteúdo multimídia apresentado como parte complementar do texto jornalístico e por isso foi analisado pela pesquisadora.

Trata-se de uma entrevista com as sociólogas Nadya Guimarães e Renata Bichir, responsáveis por elaborar artigos presentes em um *dossiê* que versa sobre a redução das desigualdades no Brasil. O cenário da entrevista tem o fundo preto, com as entrevistadas em primeiro plano, sem a presença do repórter. No início do material aparecem trechos retirados das falas das sociólogas juntamente com as suas respectivas imagens nas cores preto e branco. Essa ação enfatiza o posicionamento defendido pelas entrevistadas e, consequentemente, pelo veículo de comunicação. Após a coleta desses trechos, o restante do material aparece em cores.

Durante toda a entrevista, o foco é nas entrevistadas, com ênfase nas falas firmes das mesmas que dialogam sobre a temática e respondem às questões. As perguntas são inseridas no vídeo com *frames* na cor azul e questões na cor branca. Quanto à sonoplastia, são colocados pequenos trechos no início do vídeo e no momento em que aparecem as perguntas em tela. A seleção desse som denota calma e sutileza, que tem o intuito de despertar a atenção de quem acompanha o material que algo está aparecendo em tela, além das entrevistadas. As respostas das entrevistadas sobre as questões do jornal aparentam prioridade à queda da desigualdade e como ações políticas afetam a situação dos brasileiros, e, mais uma vez, reforçam as ideias defendidas pelo Nexo.

4.1.3. Análise das matérias pela palavra-chave “desigualdade”

Sobre a palavra-chave “desigualdade”, a matéria²⁴ “Desigualdade: 10% concentram 52% da renda no país” foi selecionada. Com 1431 compartilhamentos e 1600 curtidas, o

²⁴Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/04/06/Desigualdade-10-concentram-52-da-renda-no-pa%C3%ADs?fbclid=IwAR3pJCV0LuRSAPCcoBvm6M3CjZ2DUW7Njo-RuIH2Ykqii6UYUCKyAyvfDk4>. Acesso em: 17 nov. 2018.

conteúdo aborda a temática de “renda/concentração de renda” e foi publicado em 6 de abril de 2016.

Esse material se difere dos demais analisados, por se tratar de uma peça jornalística informativa com divulgação de dados através de um gráfico. Mais uma vez, o teor reflexivo utilizado pelo jornal é presente. Por meio de dados e de informações contextualizadas, o Nexo apresenta uma produção jornalística que visa dissertar sobre o tema de suas pautas, e isso é visível nas diferentes formas que aborda em seus materiais, como nesse caso, ao informar por meio de um gráfico.

O título resume o foco dedicado à elaboração do conteúdo sobre a desigualdade, de forma que uma pequena parcela da população é dona de um volume de recursos. Já a linha fina, “A concentração de renda no Brasil é destaque de novo estudo do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo, da ONU, que leva em conta dados da Receita Federal” (FÁBIO, et. al. 2016), exerce o papel de lide, já que o material não conta com uma introdução discursiva anterior ao gráfico. Essa linha fina informativa responde as questões “do que”, “onde” e “quem”. Como o restante do produto analisado é composto por imagem gráfica, a utilização da linha fina informativa, contextualiza o leitor sobre a veracidade dos dados, informando do que se trata e de onde foram retiradas as informações.

Com a estrutura do gráfico por meio do imagético, a escolha por cores neutras e pouca quantidade de texto transmite leveza, reforçando a informação veiculada por meio do material. O tamanho do conteúdo também influencia na leitura do mesmo, já que ele é pequeno, sem deixar a análise longa ou pesada.

A escolha do veículo de acrescentar duas informações adicionais ao final da produção jornalística deixa claro que o jornal mescla imagem e texto para transmitir informação concisa e completa ao leitor, uma vez que ele reserva um item ao fim do material para explicar a metodologia utilizada e mencionar as fontes acessadas.

A presença de personagens entrevistados ocorre por meio da linha fina, que informa de onde o conteúdo é retirado, e, também, por meio de um texto informativo ao final do gráfico. O destaque das “Fontes” entrevistadas informa quem foi consultado, além de ter a função de passar mais credibilidade ao leitor sobre o material jornalístico.

Quanto ao sentido, a elaboração de um gráfico faz o conteúdo informativo ser transmitido de forma clara e de fácil entendimento ao leitor, o que é fornecido por meio de dados numéricos. Além disso, com a utilização de um gráfico, o jornal desperta interesse de outros públicos diferentes do leitor habitual do veículo. De forma dinâmica e explicativa, o sentido desse produto é informar o leitor sobre outras formas de o jornal veicular informação.

Portanto, a imagem utilizada pelo Nexo é o gráfico, sendo responsável por trabalhar os dados e responder as questões do título e linha fina. A imagem sobre o assunto analisado significa mais do que qualquer outro conteúdo, é o foco informativo e comunicacional escolhido para a representação dos dados. No entanto, a junção da linguagem imagética com pequenos trechos de texto no decorrer do gráfico trabalha de forma conjunta para transmitir informação de maneira diversificada. Nesse caso, a demarcação de alguns trechos em vermelho na imagem mostra o que é enfatizado, como no trecho: “São 71 mil pessoas que recebem R\$350 mil por mês, em média” (FÁBIO, et. al. 2016). A escolha pela utilização de um gráfico ao invés de uma matéria foi feita no sentido de representar de modo mais fácil dados que ficariam muito numéricos e abstratos se colocados apenas em um texto corrido.

O último²⁵ material jornalístico analisado foi postado em 15 de junho de 2017 e trata sobre “tributação/renda”. Com 1398 compartilhamentos e 2100 curtidas, a matéria é intitulada “Como o sistema tributário brasileiro colabora para a desigualdade”. Vale ressaltar que as datas das postagens foram analisadas segundo a postagem pela página oficial do jornal Nexo no *Facebook*, dessa forma, são contabilizadas as datas referentes à página oficial na rede social, podendo ser diferentes quando analisadas no *site* do jornal, como acontece na busca por essa matéria nas duas redes oficiais do veículo: *site* e *Facebook*.

O conteúdo é uma reportagem que aborda a distribuição desigual de renda no Brasil. De viés econômico e social, enfatiza que a taxação e o pagamento de impostos no país são desiguais, sendo que os mais ricos pagam menos impostos do que os mais pobres, de modo que os mais pobres têm a sua renda comprometida. O material de temática e abordagem pelo viés mais amplo e que parece de senso comum, não tem foco no regional e nem em casos específicos. O veículo somente utiliza fontes de especialistas para respaldar, o que se aproxima até mesmo das estratégias textuais de um texto dissertativo e da exposição de argumentos. Dessa forma não são matérias jornalísticas com viés opinativo, usam-se da terceira pessoa, embora argumentem em seus textos sobre um ponto de vista específico a favor das minorias.

Como análise da estrutura, a publicação traz em seu título e linha fina informações concretas sobre a desigualdade econômica brasileira, favorecida pela tributação do país, como

²⁵Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/08/Como-o-sistema-tribut%C3%A1rio-brasileiro-colabora-para-a-desigualdade?fbclid=IwAR09D4H6Cmw_utXYgkGTvgdSjBlgF0Hs9yasjHszNplx00K8H8Y8aOSvsrM. Acesso em: 17 nov. 2018.

aparece na linha fina: “Estudo analisa impostos sobre renda a partir de dados da Receita e mostra como a estrutura beneficia os muito ricos” (FÁBIO, 2017). Mais uma vez, as constatações que o texto informativo apresenta no decorrer da reportagem são apontadas pelo veículo de comunicação nos trechos iniciais da matéria jornalística.

Os dois primeiros parágrafos do texto contextualizam o leitor de onde veio o tema e qual a motivação para a produção de um conteúdo sobre o assunto. A utilização de “aspas” do entrevistado no início do texto mostra ao leitor mais do que ele entendia por desigualdade de renda. Em outras palavras, mais do que isso, os dados comprovam que os pobres pagam mais impostos que os ricos, o que reforça as desigualdades existentes no país. Pode-se observar esse elemento no trecho: “O sistema tributário brasileiro beneficia os mais ricos – e isso ajuda a perpetuar a desigualdade no país” (FÁBIO, 2017).

Essas informações referentes à tributação de impostos são semelhantes aos dados veiculados na matéria analisada pela pesquisadora anteriormente. O material jornalístico intitulado “Desigualdade: 10% concentram 52% da renda do país”, também se utiliza desses números para a elaboração de um gráfico que aborda a distribuição de renda. Nesse caso, com dados analisados por pesquisadores desde 2015, o gráfico, produzido pelo jornal em 2016, e a última matéria, elaborada em 2017, se baseiam nessas informações para produzir conteúdos sobre a situação desigual do país em dois anos seguido, o que mostra que no Brasil a desigualdade continua sendo majoritariamente definida pela concentração de maiores rendas para os mais ricos. Inclusive, nesta reportagem há um trecho que se assemelha ao título do gráfico analisado anteriormente: “De acordo com o estudo, 10% da população concentra 52% da renda” (FÁBIO, et. al. 2016).

De forma estrutural, o texto da reportagem é subdividido em quatro intertítulos que dialogam sobre especificidades do tema. “O tamanho da desigualdade” traz dados referentes aos valores desiguais na concentração de renda. E, ainda, um gráfico explicativo sobre o assunto. O próximo intertítulo, “A regressividade dos impostos”, contém respostas para a questão sobre a concentração de renda para poucos indivíduos ricos, o que pode ser demonstrado na frase: “O estudo defende que um dos principais motivos pelos quais a renda é concentrada é a baixa progressividade dos impostos no país” (FÁBIO, 2017).

Já o intertítulo “Mudanças que diminuiriam impostos sobre as rendas do capital” aponta subdivisões de assuntos relacionados a dividendos, juros sobre capital próprio e um *ranking* com a cobrança de impostos sobre os lucros em diversos países, incluindo o Brasil. O último intertítulo, “Isenção contribui para concentrar renda” traz um apanhado de dados sobre o assunto e fornece destaque para informações sobre valores de lucros em dois anos distintos,

como: “R\$149 bilhões foram distribuídos como lucros e dividendos em 2007” e “R\$287 bilhões foram distribuídos como lucros e dividendos em 2013” (FÁBIO, 2017). O jornalista ao colocar essas informações em destaque, como “olhos” no texto constrói o posicionamento do jornal sobre o montante de dinheiro que favorece maiores concentrações de renda. Além desses casos, outros destaques de frases dos entrevistados têm o objetivo de causar o mesmo efeito ao leitor.

A utilização de um economista como entrevistado favoreceu o viés financeiro da publicação. O trecho de uma entrevista de um membro importante sobre estudos financeiros e desigualdade mundial fornecido a outro veículo de comunicação fortalece o sentido social da matéria: “(...) O ponto aqui é que os incentivos não parecem exigir níveis tão altos de desigualdade como os observados em muitos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil” (FÁBIO, 2017).

Além de fontes de estudiosos, o jornalista também se utiliza de estudos e pesquisas. Nesse caso, *links* para esses conteúdos trazem mais informação ao leitor. Dentre estes, o estudo inédito “Tributação e distribuição de renda no Brasil” é a fonte primordial da reportagem que se baseia também nas constatações de especialistas sobre economia e desigualdade.

Quanto ao sentido produzido ao leitor, o produtor articula informações do senso comum. No entanto, a comprovação dessas informações por meio de estudos presentes na reportagem, evidencia ao leitor uma confirmação científica de maior peso de que há desigualdade na distribuição e taxas sobre o imposto de renda. A junção de economia por meio da concentração de renda e de desigualdade social apresentada na reportagem se aprofunda nas outras formas de desigualdade que, segundo a reportagem, são influenciadas por ações do governo em alguns casos.

Quanto à utilização de imagens, o conteúdo inicial representa as desigualdades financeiras apontadas no texto. Os prédios sofisticados contrastando com favelas e casas humildes ao fundo mostram as disparidades entre o cotidiano das pessoas e os dados. Além desta imagem, a utilização de um gráfico e um *ranking* no percurso de leitura do texto funciona como artifício com o propósito de unir informação verbal e não verbal. Assim, o texto composto de dados se torna mais dinâmico, facilitando o interesse do leitor por textos jornalísticos referentes à economia brasileira.

4.2 Discussão dos resultados

Com a análise discursiva dos seis materiais selecionados no jornal Nexo, é possível notar que em todos os conteúdos o veículo se utiliza de fontes de especialistas e de pesquisas com o intuito de validar o viés reflexivo do jornal. Com prioridade oferecida a elas, os personagens enquanto fontes não aparecem nos textos das matérias analisadas.

O jornal tem por prática trazer como seleção de fontes para a matéria pesquisadores, estudos científicos divulgados em dados e artigos e de especialistas de determinadas áreas. A narrativa do fato aparece sempre em terceira pessoa, respaldada nesses contatos da apuração. Acredita-se que esses elementos nas publicações atuem como uma estratégia de se aproximar de seu público de estudantes, de universidades e de escolas. Isso é apontado na análise discursiva dos materiais jornalísticos e também pelo *site*, com abas e conteúdos específicos para esse público. Diferentemente dos veículos de comunicação tradicionais que prezam pelo “furo” jornalístico, o Nexo prioriza a interpretação dos dados ao invés da agenda programada de conteúdos oferecidos pela maioria da mídia comunicacional (*agenda-setting*).

A produção do material jornalístico para o público-alvo, que busca informação e conscientização sobre temáticas relevantes tratadas pelo Nexo como assuntos “frios”, tem como objetivo fornecer argumentos para que o leitor esteja apto a discutir e argumentar com outros públicos sobre esses textos. Nesse caso, o objetivo do jornal não é informar primeiro que os concorrentes, mas produzir conteúdos atemporais que dialoguem sobre temáticas atuais e se aprofundar, para, assim, se diferenciar dos demais meios de comunicação.

As definições de linha editorial do Nexo, especificamente pela observação das matérias que foram analisadas, não se pautam nos critérios de noticiabilidade, uma vez que não abordam os valores-notícia para a seleção das informações veiculadas. Somente na matéria referente à epidemia de microcefalia gerada pelo vírus zika que se tem como primordial a presença do valor-notícia na produção do texto. Nesse caso, o contexto do país, em meio ao surto do vírus zika no ano de 2016, e as causas danosas da doença aos bebês, principalmente em algumas regiões do país, fizeram com que este material tivesse maior impacto.

Nesse caso, o jornal Nexo não segue os parâmetros de noticiabilidade presentes nos jornais tradicionais, como valores-notícia, além da busca pela produção de “matérias quentes” e a objetividade na construção de seus textos. Ao contrário, a opção adotada pelo jornal Nexo é de uma prática jornalística reflexiva e interpretativa.

A escolha da análise discursiva com viés do autor Verón (1980) favorece a leitura reflexiva do jornal, uma vez que aborda a ideologia em defesa das minorias presentes em todas as publicações analisadas. O discurso evidenciado pelo veículo em informar seu público por meio de temas que ficariam em segunda opção nas mídias tradicionais estabelece um “contrato de leitura” entre o meio de comunicação e seus leitores.

A presença do caráter social majoritariamente nas publicações estabelece com seu público leitor uma relação em defesa dos mais pobres, para que as entidades responsáveis façam seu trabalho e atendam essas classes com políticas públicas e ações de amparo. Mais uma vez, a ausência de fontes personagens valida a visão ampla do veículo, que indica uma crítica social neutra e impessoal. Sem apresentar conteúdos em primeira pessoa, o Nexo referencia e nomeia o governo quando a ação é de sua responsabilidade, por meio de artifícios jornalísticos, como os elementos em destaque: “olhos”, linha fina e titulação.

Por meio da análise discursiva, é possível notar que o jornal Nexo realiza uma crítica social, com a definição de pautas a serem tratadas e como elas são abordadas nos conteúdos. Essa crítica ocorre de forma ampla, sem se dirigir especificamente a algum grupo. Sutilmente, em algumas matérias, o veículo imprime uma crítica ao governo por não se responsabilizar por ações de amparo às minorias que são de sua responsabilidade. Com isso, as matérias publicadas são genéricas, ou seja, não têm enfoque em nenhuma região específica. Utilizam temáticas amplas para debater problemas presentes em partes do país, como a existência de casos que ocorrem em algumas cidades e com algumas classes sociais, mas sem enfatizar setores específicos.

Embora o veículo assuma a postura em defesa das minorias, o que é nítido em todas as matérias analisadas, ele não se utiliza de fontes personagens como fazem os meios de comunicação tradicionais. No jornal Nexo, as pautas referentes às classes sociais são presentes, diferentemente dos jornais tradicionais que priorizam assuntos que seguem linha e política editoriais que privilegiam temas atuais e não englobam a temática das minorias.

A estrutura discursiva do Nexo, em comparação aos veículos tradicionais, mostra uma maneira diversificada de “narrar” o outro, de modo que esse outro é representado pelas minorias abordadas no jornal. Enquanto, no Nexo, especialistas e pesquisas internacionais comprovam dados informados pelo veículo de maneira atemporal, nos jornais tradicionais o “furo” jornalístico é prioridade.

Os novos modelos de negócio para o jornalismo, como o do Nexo, têm ganhado espaço no Brasil, em decorrência da ascensão da *Internet* e da maneira dos indivíduos se comunicarem. Com eles, novos profissionais são inseridos no mercado, com olhar debruçado

para causas recentes e como elas impactam a vida cotidiana da sociedade. Esses meios produzem informação para nichos específicos que, de forma interpretativa, estão disponíveis em suportes que podem ser acessados a qualquer instante.

Essas novas formas de “narrar” a informação e de inserir as diferentes classes nesse contexto colocam em cheque formas tradicionais de se produzir notícia. As maneiras inovadoras são primordiais para favorecer temáticas na comunicação. Além da reflexão e da interpretação produzidas pelo Nexo em suas publicações, modificações na estrutura e no corpo produtivo (jornalistas) também são características do “jornalismo potencializador”. Conforme apontado pela pesquisadora Fernanda Barbosa (2011), esse termo versa sobre as modalidades do fazer jornalístico, conceito que pode ser aplicado no caso abordado nessa pesquisa sobre o jornal Nexo. Segundo a autora, a maneira conjunta de transformar a produção à compreensão dos profissionais constrói narrativas jornalísticas sobre histórias e causas que se diferem das ferramentas tradicionais para informar, produzir debates e privilegiar causas sociais em suas produções.

Nessa pesquisa elaborada por Barbosa (2011), um veículo tradicional foi objeto de estudo para a análise da maneira que representa temáticas sociais brasileiras no exterior. Esse trabalho específico sobre o jornal internacional constatou que ocorre uma representação das classes referentes às minorias também em veículos como o *The New York Times*, nesse caso, analisado pela pesquisadora.

Dessa forma, a escolha pela representação do “outro” nos meios de comunicação no Brasil, como ocorre no jornal Nexo quando aborda as “minorias”, a “pobreza” e a “desigualdade” e, no exterior, quando retrata a visão do brasileiro fora de seu país, depende de como os veículos comunicacionais se baseiam na presença marcante de suas linhas e políticas editoriais e como isso interfere na função social do jornalismo.

5 CONCLUSÃO

As indagações sobre a função social do jornalista e como ele representa as classes pobres e marginalizadas pela sociedade e pelos poderes vigentes foram o norte desta pesquisa. Na busca por respostas à questão norteadora, projeções e novas formas de narrar a história do “outro” foram encontradas em práticas jornalísticas recentes.

Questionamentos sobre como os veículos de comunicação independente caminharam na direção de optar pela liberdade editorial de seus jornais, em contradição às fortes políticas e posicionamentos dos meios de comunicação tradicionais, permearam a questão norteadora desta monografia: *O jornal independente Nexo transformou a maneira que aborda os conteúdos humanitários ao longo dos anos?*

Com base na Análise de Discurso (AD), por meio do viés abordado pelo autor Eliseo Verón, a seleção de seis matérias jornalísticas do jornal independente Nexo nos anos de 2016 e 2017 permite constatar que o veículo não modificou a maneira de abordar os conteúdos humanitários e sociais. O jornal continua a realizar suas postagens com base em pautas de caráter humanitário, advindas de resultados de pesquisas científicas estrangeiras que tratam dessa temática. Ademais, é notório salientar que o veículo aumentou o espaço destinado a publicações produzidas do ano de 2016 para 2017 sobre essas temáticas, principalmente quando se referem às subtemáticas mais amplas sobre discussão de gênero (masculino e feminino) e distribuição de renda (riqueza e pobreza).

No entanto, algumas modificações foram realizadas pelo Nexo. Em relação à estrutura textual, as matérias postadas em 2016 são mais breves e mais informativas. Já os conteúdos postados em 2017 são reportagens e textos contextualizados, embora a presença e abordagem das fontes, das pesquisas científicas, dos *links* e intertítulos permaneçam nas publicações do primeiro e do segundo ano analisados nesta pesquisa.

A hipótese inicial desta monografia era a de que *o veículo Nexo, que se auto-conceitua como realizador de um jornalismo independente, pelo aumento no número de leitores na plataforma digital, estaria se aproximando, ao longo do tempo, da linha editorial de um veículo tradicional*. Para a comprovação ou refutação dessa hipótese, teóricos e assuntos sobre valores-notícia na produção de conteúdos jornalísticos, ações sobre a ideologia do veículo e de seus fundadores foram utilizados.

Por meio da política editorial dos jornais tradicionais, que é definida por grupos que patrocinam o veículo e definem algumas pautas que não devem ser tratadas, foi possível notar que o jornal Nexo não se aproxima de um veículo tradicional com base em sua linha editorial.

O veículo continua a não publicar assuntos como temáticas “quentes”; ele trata de temáticas sociais de maneira aprofundada, não se enquadrando nos valores-notícia para a produção de seus conteúdos.

E, ainda, em seu modelo de negócio, não trabalha com publicidade ou financiamento do veículo. As rendas econômicas para manter o jornal são originárias das assinaturas dos leitores e do financiamento de seus cofundadores. O meio de comunicação é uma mídia independente, sem financiamento ou patrocínio de algum setor. Contudo, no que se refere a defender uma causa específica, característica das mídias alternativas, embora não seja um jornal militante, como essas mídias, o jornal Nexo assume a defesa das minorias em suas publicações. Esse fato denota uma representatividade e uma prestação de serviço público a essa classe e aos demais leitores.

Dessa forma, a pesquisa cumpre seu principal objetivo que é analisar se o Nexo Jornal tem se aproximado da linha editorial de um veículo tradicional ao longo do tempo e se há uma modificação temporal no tratamento das matérias. Assim, é válido salientar que o veículo não se aproxima dos jornais tradicionais em relação à linha e política editoriais, entretanto, se aproxima deles em relação ao alto crescimento do público desde o seu lançamento.

Por meio desse avanço, o Nexo já divide público com outros jornais tradicionais, mas que hoje lê a mídia tradicional e a mídia independente, ou ainda, migraram optando pela leitura somente das mídias independentes.

Com a expansão da representação de temáticas sociais no exterior como apontado por Barbosa (2011), projeções futuras sobre a presença de pautas de caráter social e humanitário presentes em jornais brasileiros com teor reflexivo, além de veículos estrangeiros como o *The New York Times* e o *El País*, podem ser objeto de estudo de trabalhos futuros.

Além desta, outra projeção pode ser proposta: a ação social do jornalismo retorna ao seu conceito original de servir à sociedade com os jornais independentes? E, ainda, com base nos dados apresentados foi possível constatar que há diferentes vertentes dos meios comunicacionais se manterem economicamente, como no caso do jornal Nexo e seu financiamento inicial pelos seus cofundadores, pelas assinaturas e pelas plataformas de financiamento coletivo. Desse modo, assuntos que norteiem essa temática abrem caminho para debates acerca da conceituação de um veículo totalmente independente economicamente.

Assim, questionamentos maiores são feitos sobre a área da comunicação e não há respostas prontas, de modo que não é objetivo desta pesquisa fazer uma futurologia sobre o campo da comunicação. Porém, mapear esses fenômenos é importante para melhor compreender o que está em curso no jornalismo para a abertura de novos caminhos.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Cris. **A Cauda Longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Trad. Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

_____. BELL, Emily & SHIRKY, Clay. O jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. *In: Revista de Jornalismo ESPM*, n. 5, Abril/Maio/Junho 2013, p. 30 – 89.

ANDRADE, Ivanise Hilbig de. Construção de sentido no Jornalismo: operadores e estratégias de análise do discurso da imprensa. *In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – Curitiba - PR – 04 a 09 set. 2017.

BANDEIRA, Luiza. Por que a desigualdade ainda persiste no Brasil, segundo este pesquisador. **Nexo Jornal**. 25 dez. 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/12/25/Por-que-a-desigualdade-ainda-persiste-no-Brasil-segundo-este-pesquisador?fbclid=IwAR3UBHRKoBfy5_QEwxcqaPZvo9AbvWrGleINB8IUqS3bJ2tYyJuaCGI_1fs. Acesso em: 17 nov. 2018.

BARBALHO, Alexandre. Cidadania, minorias e mídia: ou algumas questões postas ao liberalismo. *In: PAIVA, Raquel e BARBALHO, Alexandre (orgs). Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus, 2005.

BARBOSA, Fernanda da Cunha. **Jornalismo potencializador e as formas de narrar o outro**. A alteridade brasileira no New York Times. 1ª ed. Editora Multifoco. Rio de Janeiro, 2011.

BARROS FILHO, C. **Ética na comunicação**: da informação ao receptor. São Paulo: Summus, 1995.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.

CORTELLA, Mario Sergio. **Faça o teu melhor**. 2018. (2m45s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dd1bsHYYqjg>. Acesso em: 21 nov. 2018.

COSTA, Caio Túlio. Um modelo de negócio para o jornalismo digital. Como os jornais devem abraçar a tecnologia, as redes sociais e os serviços de valor adicionado. *In: Revista de jornalismo ESPM*, Abril/ Maio/Junho, 2014.

COSTA, Ramon Bezerra. Sobre o papel da confiança e das tecnologias digitais de comunicação nas experiências de economia colaborativa. *In: Seminário dos alunos do PPGAS*, 2015.

DIAS, P. R. et. al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Recife, PE: Intercom, 1988.

DIAS, Tatiana. Quem são as mães de crianças com microcefalia devido à infecção por zika. **Nexo Jornal**. 07 dez. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/07/Quem-s%C3%A3o-as-m%C3%A3es-de-crian%C3%A7as-com-microcefalia-devido-%C3%A0-infec%C3%A7%C3%A3o-por-zika?fbclid=IwAR0C0nQbfZDW89LIy-5y1d614wR1Y3LCduSssSp97Dg4yoVOlsnft95q-NE>. Acesso em: 17 nov. 2018.

DONINI, Marcela. Nexo Jornal reafirma a possibilidade do debate público. **Farol Jornalismo**. 12 out. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/3Ajwhq>. Acesso em 13 set. 2018.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática. 2008.

FÁBIO, André Cabette. Como o sistema tributário brasileiro colabora para a desigualdade. **Nexo Jornal**. 15 jun. 2017. Disponível em: https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/08/Como-o-sistema-tribut%C3%A1rio-brasileiro-colabora-para-a-desigualdade?fbclid=IwAR09D4H6Cmw_utXYgkGTvgdSjBlgF0Hs9yasjHszNplx00K8H8Y8aOSvsrM. Acesso em: 17 nov. 2018.

_____. Como é o teste que se propõe a identificar preconceitos inconscientes. **Nexo Jornal**. 20 jan. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/20/Como-%C3%A9-o-teste-que-se-prop%C3%B5e-a-identificar-preconceitos-inconscientes>. Acesso em: 17 nov. 2018.

_____. DEMASI, Beatriz; MARIANI, Daniel & DUCROQUET, Simon. Desigualdade: 10% concentram 52% da renda no país. **Nexo Jornal**. 06 abr. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/grafico/2016/04/06/Desigualdade-10-concentram-52-da-renda-no-pa%C3%ADs?fbclid=IwAR3pJCV0LuRSAPCcoBvm6M3CjZ2DUW7Njo-RuIH2Ykqi6UYUCKyAyvfDk4>. Acesso em: 17 nov. 2018.

FREITAS, Ana. O estresse no trabalho é um problema de saúde pública. Especialmente para minorias. **Nexo Jornal**. 22 mar. 2016. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/22/O-estresse-no-trabalho-%C3%A9-um-problema-de-sa%C3%BAd-e-p%C3%BAblica.-Especialmente-para-minorias?fbclid=IwAR2mKMiHF5AL0Pw-TSpj9qil8k3Kqi8aHt0DaUxYp4uCGPcse4L9JcAw708>. Acesso em: 17 nov. 2018.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

HOEWELL, Gabriel Rizzo. O jornalismo explicativo multiplataforma no jornal Nexo. In: **Ciberjor 8 - Congresso Internacional de Ciberjornalismo**. Set – 2017 – UFMS.

_____. **A configuração da informação no contexto da convergência jornalística: uma análise do Nexo**. 184 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Universidade

Federal do Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/178383/001066551.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 set. 2018.

LAGE, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

LONGHI, Ritter Raquel. O turning point da grande reportagem multimídia. In: **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, set.- dez. 2014.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira. 2003.

MENEZES, Antonio Simão. **Jornalismo de resistência: apropriação das estratégias discursivas do campo midiático pela Revista Sem Terra**. 155 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/679/1/2010_Dis_%20ASMenezes.pdf. Acesso em: 18 set. 2018.

NEXO JORNAL. Entrevista concedida à Clarice Rodrigues Bernardes por *e-mail*. Uberlândia, 9 out. 2018.

RAMOS, Daniela Osvald; SPINELLI, Egle Müller. Iniciativas de Jornalismo Independente no Brasil e Argentina. In: **Extraprensa** (USP) Ano IX - nº 17 – jul. – dez. 2015.

SARTORI, Caio. ‘Por que fazer um gráfico para esse assunto?’: a metodologia do Nexo Jornal. **Jornal Estadão**. Disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/em-foca/por-que-fazer-um-grafico-para-esse-assunto-a-metodologia-do-nexo-jornal/>. Acesso em: 18 set. 2018.

SODRÉ, Muniz Araújo Cabral. Por um conceito de Minoria. In: Raquel Paiva; Alexandre Barbalho. (Org.). **Comunicação e Cultura das Minorias**. 1º ed. São Paulo: Paulus, 2005.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó, SC: Argos, 2002.

TRAQUINA, Nelson. Teorias do Jornalismo, Volume II: **A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional**. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2008.

VENÂNCIO, Rafael Duarte Oliveira. **Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária e comercial**. Rio de Janeiro: E – papers, 2009.

_____. Entrevista concedida à Clarice Rodrigues Bernardes por *Facebook*. Uberlândia, 31 ago. 2018.

VERÓN, Eliseo. **A análise do “Contrato de Leitura”**: um novo método para os estudos de posicionamento de suportes impressos. Tradução de Augusto Drumond Moraes, Vitória (ES), 1999.

_____. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Teorias da comunicação**. 8ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 2003.

ANEXOS

ANEXO A – Primeira matéria analisada no site Nexo

is://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/03/22/O-estresse-no-trabalho-é-um-problema-de-saúde-pública.-Especialmente-para-minorias?fbclid=IwAR0G...
 strada - jornal7turn: f Bem-vindo ao Face: Moodle Portal PROGRAD: Ace Conversor (Converte: S Sophia Biblioteca Assistir Rubi 01/03/2016



EXPRESSO

O estresse no trabalho é um problema de saúde pública. Especialmente para minorias

Ana Freitas 22 Mar 2016 (atualizado 27/Abr 17h05)

Estudo realizado nos EUA mostra como negros e hispânicos, com menor escolaridade, são os mais afetados por más-condições de trabalho



FOTO: ADRIÀ GARCÍA/FLICKR/CREATIVE COMMONS



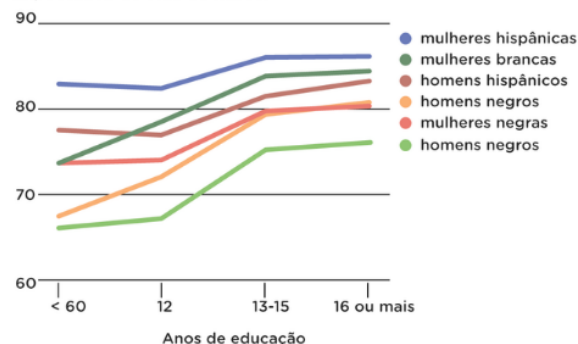
MINORIAS TÊM MENOS ACESSO À EDUCAÇÃO E ACABAM EM TRABALHOS MAIS ESTRESSANTES, DIZ ESTUDO

O estresse no ambiente de trabalho é comprovadamente um problema de saúde pública nos EUA. Ambientes tensos, jornadas longas, muita pressão e grandes volumes de tarefas impactam diretamente a expectativa de vida da população.

Mas o impacto é maior em grupos sociais vulneráveis, como negros e hispânicos, segundo um estudo conduzido por pesquisadores das universidades de Harvard e Stanford, nos EUA.

O autor do estudo, Jeffrey Pfeffer, professor de comportamento educacional em Stanford, explica o motivo: o estresse está relacionado com condições de trabalho mais precarizadas, em cargos que são ocupados por trabalhadores com menos acesso à educação.

Expectativa de vida ao nascer



MAIS RECENTES

INTERATIVO A vitória de Bolsonaro, os indicados a ministérios: você entendeu a semana? Fernanda Giacomassi

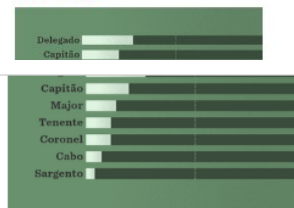
EXPRESSO Quais os passos de Bolsonaro na direção de Israel João Paulo Charleaux

EXPRESSO O curioso primeiro instrumento musical elétrico da história Camilo Rocha

EXPRESSO As ideias de Bolsonaro com que Moro terá de lidar Matheus Pimentel

EXPRESSO Como o Google quer contribuir para o fim do console de games Camilo Rocha

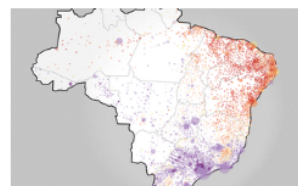
GRÁFICOS



GRÁFICO

A expansão dos militares e policiais entre os políticos eleitos

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi



GRÁFICO

Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi

Para chegar ao resultado, os pesquisadores analisaram 228 estudos que mostram como fatores de estresse associados ao ambiente de trabalho afetam a saúde do trabalhador. Depois, um algoritmo foi usado para separar os resultados por etnia e identificar quem são os grupos mais atingidos pelas condições precárias de trabalho.

Pessoas com nível educacional mais baixo acabam em trabalhos com condições piores - jornadas de trabalho mais longas, grande rotatividade e ambiente desagradável. Com menos educação, elas têm menos poder de escolha.

Como consequência, tais grupos não podem desfrutar dos ganhos de expectativa de vida que beneficiaram a maior parcela da sociedade americana. No caso das minorias étnicas e raciais, as disparidades mostram como a combinação entre acesso comprometido à educação e, como resultado, menos escolhas diante do mercado de trabalho, impactam negativamente essa população.

“Os ganhos em expectativa de vida nos últimos 30 anos foram para um segmento relativamente pequeno da população, e tem outro segmento - as minorias - que está indo na direção oposta.”

Jeffrey Pfeffer

Especialista em comportamento organizacional da Faculdade de Administração de Stanford, em [entrevista](#) ao Quartz

O estudo avisa que estresse no trabalho pode estar associado a 120 mil mortes todos os anos nos EUA e custa cerca de 190 bilhões de dólares em plano de saúde para os empresários americanos.

Para os [pesquisadores](#), é preciso transformar ambientes de trabalho nocivos e isso passa por melhores condições de trabalho e ambientes profissionais onde o trabalhador tenha mais estabilidade.

Campanhas corporativas para reduzir o tabagismo e o sedentarismo, por exemplo, podem até ter impacto na saúde do empregado, mas um ambiente onde os fatores de estresse estejam controlados, pode ter um impacto ainda maior. Por outro lado, rotinas estressantes de trabalho levam a trabalhadores mais sedentários e com hábitos pouco saudáveis, como o tabagismo por exemplo.

■ Precarização no Brasil: telemarketing

No Brasil, um dos setores formais que mais empregam trabalhadores com baixa escolaridade é o telemarketing. Em 2014, eram mais de [dois milhões](#) de brasileiros desempenhando a função de atendente de call center. 70% deles têm de 18 a 26 anos e quase 80% são mulheres.

De acordo com um [estudo](#) da pesquisadora Monica Duarte Cavaignac, da Unesp (Universidade Estadual de São Paulo), o aprofundamento das terceirizações nesse tipo de serviço [precarizou](#) condições de trabalho e fragilizou organizações sindicais. Como características, o estudo menciona relações de trabalho instáveis, com alta rotatividade, baixos salários e desrespeito a questões de saúde, além de sistemas de controle e vigilância de produtividade, que geram pressão psicológica e assédio moral.

EM ALTA

- 1** EXPRESSO Quem Bolsonaro já aponta como provável ministro se for eleito Ricardo Chapola
- 2** GRÁFICO Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi
- 3** EXPRESSO O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula André Cabette Fábio
- 4** EXPRESSO O discurso de Bolsonaro em 6 eixos. E o que eles sinalizam Matheus Fimentel
- 5** ESPECIAL 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil Daniel Mariani, Bruno Lupion e Rodolfo Almeida

VEJA MAIS

SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

VEJA MAIS

SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



ASSINE O **NEXO**

ANEXO B – Segunda matéria analisada no site Nexo

https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/01/20/Como-é-o-teste-que-se-propõe-a-identificar-preconceitos-inconscientes

Entrada - jornal7turno Bem-vindo ao Facebook Moodle Portal PROGRAD: Acesso Conversor (Converter) Sophia Biblioteca Assistir Rubi 01/03/2017 Jk

NEXO

Q Y T f i CARLOS

EXPRESSO

Como é o teste que se propõe a identificar preconceitos inconscientes

André Cabette Fábio 20 Jan 2017 (atualizado 28/Set 16h26)

Baseado em pesquisas das universidades de Harvard, Yale, Washington e Virginia, quiz avalia reações quanto a grupos como homossexuais, trans, gordos, mulheres e negros



FOTO: NADHI/FLICKR / CREATIVE COMMONS



PESQUISADORES ELABORARAM TESTE PARA QUE QUALQUER PESSOA POSSA DESCOBRIR QUE TIPOS DE ASSOCIAÇÕES PRECONCEITUOSAS FAZ INCONSCIENTEMENTE

Mesmo os maiores defensores da igualdade entre raças ou gêneros podem, inconscientemente, associar mulheres a trabalhos domésticos e negros a trabalhos mal remunerados.

Em um artigo sobre o tema publicado no blog do Fórum Econômico Mundial, a psicóloga Magdalena Zawisa, professora de psicologia na Universidade Anglia Ruskin, no Reino Unido, afirmou que "a natureza de nossos processo de cognição e pensamento significa que todos nós somos vulneráveis a vários preconceitos inconscientes e todos nós podemos estar sujeitos a eles".

Segundo a pesquisadora, estar ciente desse preconceito internalizado pode ajudar a lidar com ele.

Criado em 1998 por pesquisadores das universidades de Harvard, Washington e Virginia, o Projeto Implícito desenvolveu uma ferramenta que permite a qualquer um testar on-line a força de associações entre grupos de pessoas, como negros, gays ou gordos a avaliações sobre eles, como "belo", "feio", "preguiçoso", "terrível", ou a estereótipos, como "desastrado" ou "atletico".

O teste pode ser feito por qualquer um, mas está disponível apenas em inglês - [clique aqui](#) para realizá-lo.

A ideia central é que pessoas que possuem uma avaliação negativa sobre um grupo têm mais facilidade e agilidade em pressionar as teclas corretas para associá-lo a conceitos negativos quando o teste pede que isso seja feito de forma rápida.

Por exemplo, o teste pode pedir que se associe "pessoas gordas" a conceitos como "feio", "mau" ou "preguiçoso". Quem possui essa avaliação negativa inconsciente realiza essa tarefa de forma mais rápida e precisa, indicando seu preconceito.

Quando o teste pede que se associe esse grupo a conceitos positivos e o participante tem dificuldade, demora e erra mais, revela as associações negativas que faz em relação a ele.

O que fazer em relação ao preconceito?

Segundo o próprio Projeto Implícito, não há muitas evidências científicas que apontem formas comprovadas de se superar as próprias associações implícitas - ou preconceitos. Mas isso não significa que não há nada que possa ser feito em relação ao tema.

A sugestão é que pessoas que compreendem suas próprias tendências evitem se colocar em situações em que possam exercê-las contra alguém. Isso pode ser feito de forma imediata, por exemplo, se abstendo de participar do júri de pessoas de determinada cor, no caso de quem tem uma visão negativa implícita em relação a ela.

Recrutadores de emprego que realizam associações negativas contra determinado gênero podem pedir que os participantes não incluam fotos e apaguem as referências a ele nos currículos enviados.

É claro, no entanto, que esse tipo de medida não basta para superar as desigualdades que geram esse tipo de associação implícita. Magdalena Zawisa lembra que o "enviesamento inconsciente" ["unconscious bias"] tem suas raízes no mundo social em que vivemos". Ou seja, aprendemos a realizar associações entre um grupo populacional e determinados papéis e características com base na sociedade que nos rodeia, em que há mais mulheres donas de casa do que homens e mais acadêmicos brancos do que negros, por exemplo.

Falando especificamente sobre a questão de gênero, a pesquisadora sugere que deve-se buscar formas de fazer com que mulheres e homens ocupem igualmente os mesmos tipos de funções.

Para ela "uma vez que todos os médicos, motoristas, babás e líderes mundiais estiverem igualmente divididos entre os gêneros masculino e feminino" e essa igualdade estiver bem representada na mídia e em outros locais, as associações que fazemos a cada gênero serão mais igualitárias - e o preconceito, menor.

MAIS RECENTES

- INTERATIVO A vitória de Bolsonaro, os indicados a ministérios: você entendeu a semana? *Fernanda Giacomassi*
- EXPRESSO Quais os passos de Bolsonaro na direção de Israel *João Paulo Charleaux*
- EXPRESSO O curioso primeiro instrumento musical elétrico da história *Camilo Rocha*
- EXPRESSO As ideias de Bolsonaro com que Moro terá de lidar *Matheus Pimentel*
- EXPRESSO Como o Google quer contribuir para o fim do console de games *Camilo Rocha*

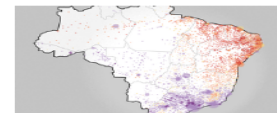
GRÁFICOS



GRÁFICO

A expansão dos militares e policiais entre os políticos eleitos

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi



GRÁFICO

Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi

EM ALTA

- EXPRESSO Quem Bolsonaro já aponta como provável ministro se for eleito *Ricardo Claudio*
- Bolsonaro votou no segundo turno para presidente, em mapas *Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi*
- EXPRESSO O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula *André Cabette Fábio*
- EXPRESSO O discurso de Bolsonaro em 6 eixos. E o que eles sinalizam *Matheus Pimentel*
- ESPECIAL 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil *Daniel Mariani, Bruno Lupion e Rodolfo Almeida*

VEJA MAIS

SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

ANEXO C – Terceira matéria analisada no site Nexo

https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/07/Quem-são-as-mães-de-crianças-com-microcefalia-devido-à-infecção-por-zika?fbclid=IwAR0C0nQbfZDW...
 Entrada - jornal7turno Bem-vindo ao Face Moodle Portal PROGRAD: Ace Conversor (Converte Sophia Biblioteca Assistir Rubi 01/03/2016 Jornal N

NEXO

Q Y T F @ CARLOS

EXPRESSO

Quem são as mães de crianças com microcefalia devido à infecção por zika

Tatiana Dias 07 Dez 2016 (atualizado 07/Mar 16h50)

Decisão do Supremo sobre interrupção de gestação atingirá principalmente mulheres jovens, negras e solteiras



FOTO: UESLEI MARCELINO/REUTERS



MULHER GRÁVIDA DE OITO MESES NA FAVELA BECO DO SURURU, EM RECIFE, EM JANEIRO DE 2016

Jovens, negras, sem ensino superior. E, em quase metade dos casos, solteiras. É esse o perfil da maioria das mães de crianças com microcefalia, doença provocada pela infecção pelo vírus zika, transmitido pelo mosquito *Aedes aegypti*, durante a gravidez.

É esse também o perfil que mais será afetado por uma decisão que o Supremo Tribunal Federal está prestes a tomar. Os ministros decidirão a ação direta de inconstitucionalidade, proposta pela Associação dos Defensores Públicos, que pede que a interrupção da gravidez seja uma possibilidade excepcional para mulheres que foram infectadas pelo vírus zika durante a gestação.

Há evidências de que o vírus contraído na gravidez provoca malformações no feto - principalmente a microcefalia, condição que faz com que o cérebro cresça menos do que o normal, gerando consequências físicas, psíquicas e cognitivas no desenvolvimento da criança.

Suspeita-se, ainda, que o vírus provoque outros danos na retina e no cérebro. Essas consequências tornam necessário acompanhamento médico e estimulação precoce dos bebês afetados - um desafio para mulheres de baixa renda.

"Elas são muito parecidas - jovens, agricultoras rurais ou desempregadas, pouco escolarizadas, dependentes dos serviços de saúde e transporte para medicalizar precocemente seus filhos com múltiplos impedimentos corporais pelos efeitos do vírus zika", escreveu a antropóloga Débora Diniz, professora de bioética na Universidade de Brasília.

O perfil das mulheres atingidas pela doença em 4 gráficos

O Ministério da Saúde fez um levantamento sobre o perfil socioeconômico das mulheres que tiveram filhos com microcefalia no período entre 2010 e 2015. A partir destes dados, é possível entender qual é a população mais impactada pela doença:

SÃO JOVENS



Fonte: Ministério da Saúde

NEXO

MAIS RECENTES

INTERATIVO A vitória de Bolsonaro, os indicados a ministérios: você entendeu a semana? Fernanda Giacomassi

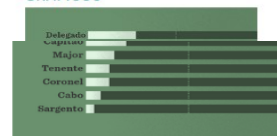
EXPRESSO Quais os passos de Bolsonaro na direção de Israel João Paulo Charleaux

EXPRESSO O curioso primeiro instrumento musical elétrico da história Camilo Rocha

EXPRESSO As ideias de Bolsonaro com que Moro terá de lidar Matheus Pimentel

EXPRESSO Como o Google quer contribuir para o fim do console de games Camilo Rocha

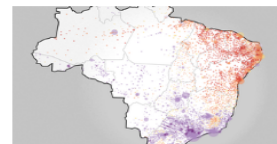
GRÁFICOS



GRÁFICO

A expansão dos militares e policiais entre os políticos eleitos

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi



GRÁFICO

Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas

Rodolfo Almeida e Gabriel

EM ALTA

- EXPRESSO** Quem Bolsonaro já aponta como provável ministro se for eleito Ricardo Chapola
- GRÁFICO** Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi
- EXPRESSO** O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula André Cabette Fábio
- EXPRESSO** O discurso de Bolsonaro em 6 eixos. E o que eles sinalizam Matheus Pimentel
- ESPECIAL** 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil Daniel Mariani, Bruno Lupion e Rodolfo Almeida

NÃO TÊM ENSINO SUPERIOR

Escolaridade (anos)

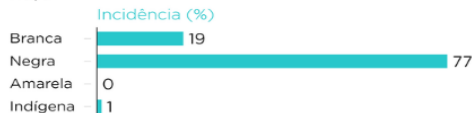


Fonte: Ministério da Saúde

NEXO

SÃO NEGRAS

Raça



Fonte: Ministério da Saúde

NEXO

SÃO SOLTEIRAS OU ESTÃO EM UNIÃO ESTÁVEL

Estado civil



Fonte: Ministério da Saúde

SOCIEDADE

CIÊNCIA E SAÚDE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



QUEM ASSINA UM JORNAL INDEPENDENTE ASSINA UM COMPROMISSO COM A DEMOCRACIA

Por que a doença atinge a população mais pobre

Embora os dados não tenham o recorte de renda, é possível considerar, segundo o [levantamento](#), que a maioria das mães de bebês com microcefalia estão “inseridas em um contexto socioeconômico desfavorável”. Vale lembrar, também, que a maior parte dos casos foi registrada no Nordeste, região que tem a menor renda mensal do país.

Os dados do país refletem outras pesquisas. Um levantamento feito em Pernambuco, Estado que registrou o maior número de casos da doença, mostrou que 77% das famílias com suspeita de microcefalia no Estado [estão na pobreza extrema](#): ou seja, em que cada pessoa sobrevive com R\$ 47 por mês.

A infecção por zika atinge principalmente a população mais pobre por causa de fatores urbanos. Regiões com infraestrutura deficiente são ideais para a proliferação do mosquito. Por isso, locais em que há falta de saneamento básico, em que a população tem de armazenar água potável e há acúmulo de lixo, oferecem condições favoráveis para a procriação do mosquito - e, consequentemente, de surtos da doença.

O impacto da possível decisão do STF

A Organização Mundial de Saúde declarou a infecção por zika uma epidemia mundial em fevereiro de 2016 por conta de sua relação com a microcefalia. Oito meses depois, o zika [deixou de ser](#) uma emergência. Embora a incidência do vírus tenha diminuído - e, com ele, o aumento no número de casos de microcefalia - as consequências da doença para a população atingida são permanentes.

A [OMS diz que](#) as mulheres que desejarem interromper a gravidez por receio de microcefalia “devem ter acesso a serviços de aborto seguro, nos termos da lei”. Nos países onde a disponibilidade de aborto seguro for limitada, “as mulheres devem receber informação rigorosa e aconselhamento acerca das suas opções.”

O governo federal anunciou em janeiro que as famílias atingidas pela doença poderão receber um salário mínimo por mês, por meio do Benefício de Prestação Continuada (BPC). Além disso, o Ministério da Saúde lançou em janeiro de 2016 um protocolo de atenção para os bebês atingidos pela doença. Hoje há 1.541 serviços de reabilitação vinculados ao SUS. Há, no entanto, uma série de [dificuldades práticas](#) para a aplicação das medidas propostas pelo governo. Falta de profissionais e centros de referência são exemplos deles.

O impacto da notícia de uma criança com microcefalia tem feito, por exemplo, com que [homens abandonem](#) suas mulheres grávidas e que crianças atingidas pela doença sejam [abandonadas em abrigos](#).

Para a antropóloga Débora Diniz, a “epidemia produz novas precarizações em vidas já vulnerabilizadas pela desigualdade social e pela discriminação sexual”. É por isso que, na opinião dela, as mulheres infectadas pelo zika devem ter acesso à informação e direito à interrupção da gestação.

— “Há uma discriminação interseccional em curso na forma como a epidemia atravessa a vida dessas mulheres: elas já eram pobres, nordestinas, pouco escolarizadas e com frágil inserção no mundo do trabalho; agora são, também, cuidadoras de crianças com necessidades não protegidas pelo Estado brasileiro.”

Débora Diniz
Antropóloga

A ONU também se posicionou de forma favorável à mudança na lei. Em fevereiro de 2016, o Alto Comissário de Direitos Humanos das Nações Unidas, Zeid Al Hussein, defendeu que os países atingidos pelo vírus zika garantam que as mulheres tenham acesso a métodos contraceptivos e ao aborto. Cecille Pouilly, porta-voz da ONU, [afirmou à](#)

[BBC](#) que a organização recomenda a interrupção da gestação “em casos de estupro, incesto, risco à saúde física e mental da mãe e também em casos de bebês deficiências consideradas graves”.

Hoje, no Brasil, o aborto só é permitido se houver risco de vida para a mulher, caso a gravidez seja resultado de um estupro ou no caso de fetos anencéfalos. No final de novembro, o STF se posicionou de forma favorável à interrupção da gestação no primeiro trimestre, decisão que pode impactar futuros julgamentos sobre o tema.

■ Os argumentos contra o aborto nos casos de zika

Em seu pedido no Supremo, a Anadep (Associação Nacional dos Defensores Públicos) pede que se julgue a interrupção da gravidez em casos comprovados de zika como constitucional, suspendendo os efeitos da lei, como inquéritos policiais e prisões em flagrante.

Em seu site, a entidade diz que a autorização ocorreria apenas em casos excepcionais, quando houvesse sofrimento mental da gestante.

O Supremo pediu pareceres sobre o assunto à Procuradoria-Geral da República, que se manifestou a favor do aborto; à Advocacia-Geral da União, que se disse contrária; e à advocacia do Senado, também contrária. Quem não quer que mulheres interrompam a gravidez argumentam que:

- A chance de que o feto de uma mãe infectada no primeiro trimestre de gravidez por zika desenvolva microcefalia é de cerca de 1%. A instituição se baseia em um artigo publicado em 2016 no periódico científico “The Lancet”, baseado em casos ocorridos entre 2013 e 2014 na Polinésia Francesa.
- Embora complicações pelo zika possam causar problemas neurológicos, elas não levam necessariamente à morte, como ocorre com a anencefalia. Liberar o aborto nesses casos seria abrir caminho para a eugenia, a seleção de características genéticas desejáveis via o controle da reprodução.
- A liberação também agiria sobre uma área que é de competência do Legislativo.
- O Senado argumenta que o país tem compromisso em promover o desenvolvimento das pessoas com deficiência, o que estaria em desacordo com a ideia de interromper a gravidez de um feto apenas porque este poderia apresentá-la.
- Segundo pesquisa realizada em 24 e 25 de fevereiro de 2016 pelo instituto Datafolha, 58% dos entrevistados são contra o aborto em caso de grávidas de zika, e 51% são contra mesmo quando a microcefalia é confirmada.

ANEXO D – Quarta matéria analisada no *site* Nexo

https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/12/25/Por-que-a-desigualdade-ainda-persiste-no-Brasil-segundo-este-pesquisador?fbclid=IwAR3UBHRKoBfy5...
 ok M Entrada - jornal7turno Bem-vindo ao Facebook Moodle Portal PROGRAD: Acesso Conversor (Converter) Sophia Biblioteca Assistir Rubi 01/03/21 Jornal N

NEXO

Q YouTube f Instagram CARLOS

ENTREVISTA

Por que a desigualdade ainda persiste no Brasil, segundo este pesquisador

Luiza Bandeira 25 Dez 2017 (atualizado 12/Jul 19h17)

Rafael Osorio, especialista em pobreza e desigualdade, afirma que dificuldade de ascensão social mostra que Brasil não é meritocrático



FOTO: FABIO RODRIGUES POZZEBOM/ABR



PROTESTO CONTRA DESIGUALDADE EM PRAIA NO RIO DE JANEIRO

O IBGE divulgou, no dia 15 de dezembro, a “**Síntese dos Indicadores Sociais**”, pesquisa que analisa as condições de vida dos brasileiros. O levantamento mostra que, em 2016, o Brasil tinha 13,4 milhões de pessoas (ou 6,4% da população) vivendo em **condição de extrema pobreza** – com menos de US\$ 1,90 (cerca de R\$ 6) por dia, critério de análise adotado pelo Banco Mundial.

A pesquisa mostrou também que a **desigualdade social no Brasil** persiste. De acordo com os dados, os brasileiros mais ricos, que se encontram no topo da pirâmide social, **têm 14 vezes mais chances** de continuar nessa posição do que pessoas mais pobres têm de ascender socialmente. A **mobilidade social** no Brasil, segundo a pesquisa, é de “curta distância”, ou seja, metade da população consegue melhorar de vida em relação aos pais, mas essa mobilidade está concentrada nos estratos mais baixos da população. São, por exemplo, filhos de agricultores que se tornam pedreiros ou empregadas domésticas.

“A pesquisa confirma uma coisa que a gente já sabe há muito tempo: o Brasil é uma sociedade muito pouco meritocrática”, afirmou em entrevista ao **Nexo** Rafael Osorio, coordenador sênior de pesquisa do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG, na sigla em inglês) e pesquisador do Ipea. Leia abaixo trechos da entrevista, concedida por telefone.

A pesquisa mostra que mais de 13 milhões de pessoas vivem em extrema pobreza no Brasil. Como interpretar esse dado, considerando os programas de proteção social?

RAFAEL OSORIO O número é para a linha de pobreza de US\$ 1,90 / dia, que é mais elevada do que o atual corte de elegibilidade para a extrema pobreza do programa **Bolsa Família** (PBF), o principal programa para a extrema pobreza no Brasil. O corte do PBF é de R\$ 85 [por mês, por pessoa]; nesse corte, seriam por volta de 8,6 milhões os extremamente pobres. O ponto é que o PBF não é, nem nunca foi, suficiente para fazer as famílias saírem da pobreza apenas com o benefício. As famílias têm de contar com o trabalho de seus membros adultos. Esse trabalho costuma ser informal e precário, e a renda que dele advém é incerta e variável. O que o Bolsa Família faz é reduzir a incerteza, acrescentando uma fonte de renda estável para a família. Parte das famílias extremamente pobres continuava nessa situação, mesmo somando o benefício às rendas do próprio trabalho.

Embora o PBF de fato alivie a pobreza de muitas famílias e ajude outras a superá-la, o fato é que as linhas de ingresso do programa vêm se depreciando, assim como os valores dos benefícios. O PBF continua a ser uma fonte, mas não é possível mais consumir o tanto que se consumia antes. A boa notícia é que a maior parte dos extremamente pobres e pobres está no Cadastro Único.

A coisa mais difícil para implementar um programa de pobreza é identificar os pobres, não errar muito e começar a fazer transferências para eles. O Brasil já tem tudo isso montado. Se o próximo governo decidir que, em vez de fazer Refis e perdoar dívida de ruralista, nós vamos fazer uma reforma da Previdência para acabar com aposentadoria de juiz acima do teto, e de funcionário público, e vamos usar o dinheiro para dobrar o Bolsa Família, em tamanho e benefícios, dá para fazer isso de um mês para o outro. A parte mais difícil da

FOTO: DIVULGAÇÃO/ICP-IG



O PESQUISADOR RAFAEL OSORIO

MAIS RECENTES

- INTERATIVO A vitória de Bolsonaro, os indicados a ministérios: você entendeu a semana? Fernanda Giacomassi
- EXPRESSO Quais os passos de Bolsonaro na direção de Israel João Paulo Charleux
- EXPRESSO O curioso primeiro instrumento musical elétrico da história Camilo Rocha
- EXPRESSO As ideias de Bolsonaro com que Moro terá de lidar Matheus Pimentel
- EXPRESSO Como o Google quer contribuir para o fim do console de games Camilo Rocha

GRÁFICOS



GRÁFICO

A expansão dos militares e policiais entre os políticos eleitos

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi



GRÁFICO

Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi

EM ALTA

- EXPRESSO Quem Bolsonaro já aponta como provável ministro se for eleito Ricardo Chapela
- GRÁFICO Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi
- EXPRESSO O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula André Cabette Fátio
- EXPRESSO O discurso de Bolsonaro em 6 eixos. E o que eles sinalizam Matheus Pimentel
- ESPECIAL 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil Daniel Mariani, Bruno Lupion e Rodolfo Almeida

VEJA MAIS

- ECONOMIA
- POLÍTICA
- SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a nexa
TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

operação, que é montar isso, já está pronta. Temos uma desigualdade muito grande. A gente tem como tirar mais do andar de cima para dar para o andar de baixo. O que falta é vontade política para realmente enfrentar a pobreza, em vez de ficar tomando medidas que simplesmente reproduzam privilégios.

A pesquisa do IBGE mostrou persistência na desigualdade de renda. Como a desigualdade de renda e a pobreza se relacionam no Brasil?

RAFAEL OSORIO Uma anda junto com a outra. Estudos já mencionaram várias vezes que o Brasil não é propriamente um país pobre, mas é um país muito desigual. Há basicamente dois caminhos pra você resolver o problema da pobreza. Um é: a sociedade cresce. Você aumenta a renda, a renda de todo mundo aumenta, e pessoas saem da pobreza porque a renda está aumentando. Esse é o caminho do crescimento. E o outro caminho é o da redução da desigualdade. Como o Brasil é um país muito desigual, existe espaço para fazer transferências dos mais ricos para os mais pobres, mesmo sem crescer muito.

Nos últimos tempos, a redução da pobreza no Brasil ocorreu principalmente por conta do crescimento econômico, embora na última década tenha estado associada também com pequena queda da desigualdade. Daí a situação que a gente vive hoje: estamos enfrentando uma crise econômica, a pobreza está subindo. No Brasil, a pobreza tem respondido pouco às políticas, no geral, e respondido mais à dinâmica do crescimento econômico como um todo.

E como isso se relaciona com a ascensão social?

RAFAEL OSORIO A pesquisa do IBGE confirma uma coisa que

a gente já sabe há muito tempo: que o Brasil é uma sociedade muito pouco meritocrática, onde a mobilidade é essencialmente de curta distância. As pessoas não estão longe do seu status de origem, e os grandes estratos da base da pirâmide se diferenciam apenas entre o rural e o urbano. A ascensão está ligada ao processo de urbanização, industrialização e modernização. É a mobilidade estrutural, que ocorre porque a estrutura mudou. Quando se olha para empregadas domésticas e pedreiros, você percebe que muitos são filhos de trabalhadores rurais. Eles aparecem na pesquisa como exemplos de ascensão social. Mas isso não é porque a sociedade está mais aberta às trocas entre classes. Eles melhoraram de vida em alguma medida. Mas, do ponto de vista relativo, da pirâmide social, elas estão em posição que não é muito diferente da de seus pais, no passado. A sociedade foi muito aberta para que filhos de trabalhadores rurais se tornassem empregadas domésticas e pedreiros, mas não para que os filhos dessas famílias se tornassem médicos, advogados e engenheiros. Essa mobilidade não representa uma maior abertura da sociedade para trocas entre classes, que é o que você espera numa sociedade meritocrática.

Isso é muito ruim, porque a grande promessa do liberalismo é que você teria uma desigualdade que seria justa, que funcionaria como um sistema de incentivo para que as pessoas se esforcem. Os médicos, por exemplo, ganham bem, mas têm de estudar muito. Eles merecem uma recompensa. O problema é que, no Brasil, a recompensa está muito além. Ela não está recompensando simplesmente esforço, mas ela está remunerando privilégios.

Quando a gente vai ver em outros lugares do mundo, os países que têm menor desigualdade, como Holanda, Suécia, Dinamarca, Finlândia, são os países que têm menor desigualdade de oportunidades. Nenhum país do mundo é meritocrático de verdade, a origem social influencia todos eles, mas em alguns influencia menos. E quais são esses países? Os países onde em geral você encontra um sistema de ensino, principalmente para primeira infância, em que as pessoas nem sequer pensam em matricular os filhos em escolas privadas. Como as crianças passam por estímulos razoavelmente uniformes, determinados por uma política educacional, o Estado consegue contrapor de alguma forma a desvantagem que as crianças trazem de casa. Quando os indivíduos estão formados, você pode até adotar medidas compensatórias, mas é muito difícil você fazer com que isso seja redistributivo e não apenas compensatório.

FOTO: FERNANDO FRAZÃO/ABR



PARA OSORIO, DIFICULDADE DE ASCENSÃO SOCIAL MOSTRA QUE BRASIL NÃO É MERITOCRÁTICO

A pobreza no interior do Nordeste, por exemplo, é muito elevada. O Censo de 2010 mostra que, em áreas rurais de Alagoas, quase 40% da

VEJA MAIS

ECONOMIA POLÍTICA
SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO
PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



apenas 12 reais por mês
ou 120 por ano

VEJA MAIS

ECONOMIA POLÍTICA
SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO
PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



ASSINE O NEXO

VEJA MAIS

ECONOMIA POLÍTICA
SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO
PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



**QUEM ASSINA UM
JORNAL INDEPENDENTE
ASSINA UM COMPROMISSO
COM A DEMOCRACIA**

população com mais de 15 anos é analfabeta. Algumas pessoas dizem: vamos fazer inclusão produtiva, qualificação profissional. Mas como você faz isso com pessoas analfabetas ou analfabetas funcionais? Qual o material de curso, você vai dar alguma coisa para ela ler? E vamos dizer que fosse possível educar grande parte dos analfabetos adultos de Alagoas. Tem emprego no município onde eles moram? As soluções não são fáceis e imediatas.

Em relação a políticas públicas, quais são as perspectivas em relação à pobreza no futuro?

RAFAEL OSÓRIO As políticas sociais vão continuar sendo fundamentais por muito tempo. A gente pode ter momentos melhores, em que o Bolsa Família vai diminuir de tamanho, mas é uma despesa que a gente vai ter de continuar tendo. Essas famílias das quais a gente está falando têm uma capacidade limitada de se empregar, e quando estão ocupadas a ocupação é incerta, instável. O Brasil tem ido bem nos últimos anos, mas a gente tem de entender que vamos ter de fazer assistência social e transferência de renda ainda por muito tempo, porque é a solução que a gente tem para essas pessoas, porque não investimos nelas no passado. Algumas vão ter meios para superar essa condição, mas não todas.

E educação é muito importante. É clichê, mas tem de investir em educação. Isso entra na esfera de uniformizar os estímulos. O período mais importante para definir o futuro das pessoas é o que acontece antes dos seis anos de idade, quando a influência da família é muito grande. Quando eu falo com meu filho, passo para ele um vocabulário que ele vai encontrar quando chegar à escola. O filho da família de baixa renda não necessariamente vai ter isso. Ele vai chegar numa escola cuja linguagem não é a que ele fala. Ele vai ter mais dificuldade de dominar essa linguagem, ele vai ter um percurso a mais que o outro já teve.

Depois você tem de cuidar da trajetória. No Brasil, a gente teve uma expansão do ensino superior, mas ainda é muito difícil que jovens de baixa renda completem o fundamental, façam a transição para o médio, da educação básica, obrigatória e gratuita.

Pense em uma pessoa que nasceu na fronteira do Piauí com o Maranhão. Se fosse um menino ou menina que tinha potencial para inventar a cura da Aids, nós o perdemos, porque essa pessoa não terminou o segundo grau, não terminou ensino médio, não vai para a faculdade. Nós estamos desperdiçando esse talento quando a gente permite que as estruturas que garantem os privilégios dos filhos dos ricos se mantenham, e isso é ruim pra todo mundo, inclusive para os ricos.

Vamos ter de fazer assistência social e transferência de renda ainda por muito tempo



VEJA MAIS

ECONOMIA POLÍTICA
SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



ASSINE O NEXO

VEJA MAIS

ECONOMIA POLÍTICA
SOCIEDADE

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

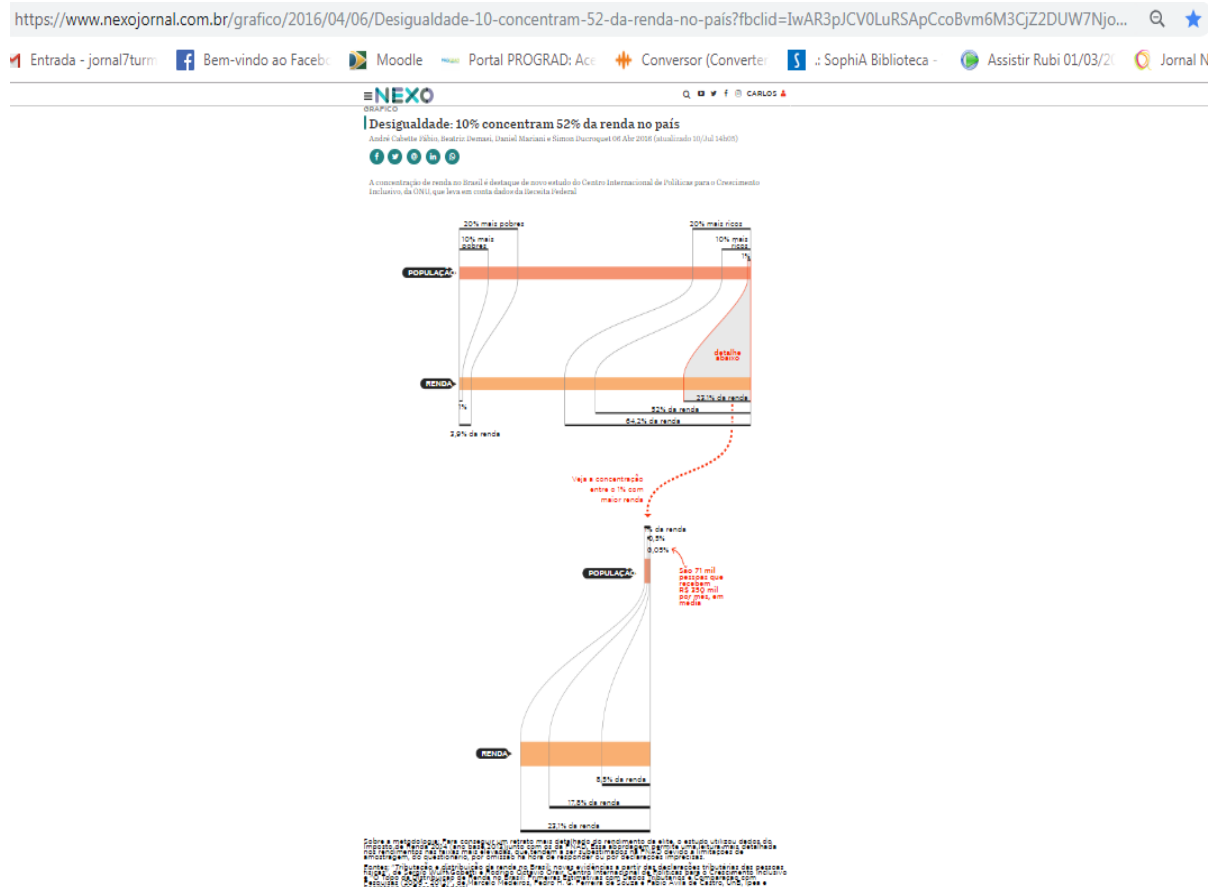
RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



QUEM ASSINA UM JORNAL INDEPENDENTE ASSINA UM COMPROMISSO COM A DEMOCRACIA

ANEXO E – Quinta matéria analisada no *site* Nexo



Sobre a metodologia: Para conseguir um retrato mais detalhado do rendimento da elite, o estudo utilizou dados do Imposto de Renda 2014 (ano base 2013) junto com os da PNAD. Essa abordagem permite uma leitura mais detalhada nos rendimentos nas faixas mais elevadas, que tendem a ser subestimadas na PNAD devido a limitações de amostragem, do questionário, por omissão na hora de responder ou por declarações imprecisas.

Fontes: "Tributação e distribuição da renda no Brasil: novas evidências a partir das declarações tributárias das pessoas físicas", de Sérgio Wulff Gobetti e Rodrigo Octávio Orair, Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo e "O Topo da Distribuição de Renda no Brasil: Primeiras Estimativas com Dados Tributários e Comparação com Pesquisas (2006 - 2012)", de Marcelo Medeiros, Pedro H. G. Ferreira de Souza e Fábio Avila de Castro, UnB, Ipea e Secretaria da Receita Federal.

ANEXO F – Sexta matéria analisada no site Nexo

https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/04/08/Como-o-sistema-tributário-brasileiro-colabora-para-a-desigualdade?fbclid=IwAR09D4H6Cmw_utXYgkGT...
 Entrada - jornal7turn... Bem-vindo ao Faceb... Moodle Portal PROGRAD: Ac... Conversor (Converte... SophiA Biblioteca Assistir Rubi 01/03/2... Jornal I

NEXO CARLOS

EXPRESSO

Como o sistema tributário brasileiro colabora para a desigualdade

André Cabette Fábio 08 Abr 2016 (atualizado 14/Jun 20h56)

Estudo analisa impostos sobre renda a partir de dados da Receita e mostra como a estrutura beneficia os muito ricos



FOTO: ALEJANDRO/CREATIVE COMMONS



"O sistema tributário brasileiro beneficia os mais ricos - e isso ajuda a perpetuar a desigualdade no país". A afirmação é do economista Rodrigo Octávio Orair, coautor de um estudo inédito do Centro Internacional de Políticas para o Crescimento Inclusivo (IPC-IG) da ONU (Organização das Nações Unidas).

Com base em dados da declaração de imposto de renda disponibilizados pela Receita Federal a partir de 2015, o estudo "Tributação e distribuição da renda no Brasil" chegou a um nível de detalhamento sem precedentes sobre a desigualdade no país.

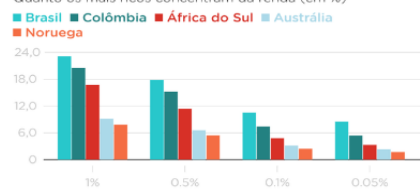
O tamanho da desigualdade

De acordo com o estudo, 10% da população concentra 52% da renda, 1% responde por 23,5%. E 0,05%, por 8,5% de toda a renda. Estes últimos são apenas 71 mil pessoas, uma população equivalente à do bairro de Moema, em São Paulo. Cada um recebeu, em média, uma renda de R\$ 4,1 milhões em 2013.

O gráfico abaixo compara a concentração de renda do Brasil em relação a alguns outros países com dados disponíveis. Cada cor de barra representa um país, e cada barra o percentual de renda concentrado. Sob cada grupo de barras está indicado um percentual da população, do 1% ao 0,05% mais rico. Em todos os casos, a concentração brasileira é consideravelmente maior.

CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA ENTRE OS MAIS RICOS

Quanto os mais ricos concentram da renda (em %)



Fonte: Estudo "Tributação e distribuição da renda no Brasil"

NEXO

Regressividade dos Impostos

O estudo defende que um dos principais motivos pelos quais a renda é concentrada é a baixa regressividade dos impostos no país. Os autores calculam que a alíquota efetiva média paga pelos 0,05% mais ricos chega a apenas 7%, enquanto a média nos estratos intermediários dos declarantes do imposto de renda chega a 12%.

Uma estrutura tributária é dita progressiva quando aqueles que recebem mais renda arcam com mais impostos. Quanto mais progressivo o sistema tributário, maior, relativamente, a cobrança sobre os mais ricos. Quanto mais regressivo, maior a carga sobre os mais pobres.

MAIS RECENTES

INTERATIVO A vitória de Bolsonaro, os indicados a ministérios: você entendeu a semana? Fernanda Giacomassi

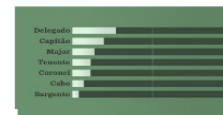
EXPRESSO Quais os passos de Bolsonaro na direção de Israel João Paulo Charleaux

EXPRESSO O curioso primeiro instrumento musical elétrico da história Camilo Rocha

EXPRESSO As ideias de Bolsonaro com que Moro terá de lidar Matheus Pimentel

EXPRESSO Como o Google quer contribuir para o fim do console de games Camilo Rocha

GRÁFICOS



GRÁFICO

A expansão dos militares e policiais entre os políticos eleitos

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi



GRÁFICO

Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas

Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi

EM ALTA

1 **EXPRESSO** Quem Bolsonaro já aponta como provável ministro se for eleito Ricardo Chapola

2 **GRÁFICO** Como o Brasil votou no segundo turno para presidente, em mapas Rodolfo Almeida e Gabriel Zanlorenssi

3 **EXPRESSO** O que diz a lei sobre filmar professor em sala de aula André Cabette Fábio

4 **EXPRESSO** O discurso de Bolsonaro em 6 eixos. E o que eles sinalizam Matheus Pimentel

5 **ESPECIAL** 10 índices econômicos e sociais nos 13 anos de governo PT no Brasil Daniel Mariani, Bruno Lupien e Rodolfo Almeida

VEJA MAIS

SOCIEDADE ECONOMIA

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

Segundo o estudo, as principais limitações à progressividade dos impostos no Brasil estão ligadas à forma como são tributadas as rendas do capital. Enquanto a taxaço das rendas do trabalho ocorre de forma progressiva, de acordo com tabela de alíquotas crescentes para faixas de renda mais altas, algumas mudanças introduzidas em 1995 reduziram o nível de tributos sobre as rendas do capital.

Mudanças que diminuir  am impostos sobre as rendas do capital

FIM DO IMPOSTO SOBRE DIVIDENDOS
Os dividendos distribuídos a acionistas de empresas, que antes eram tributados em 15% na pessoa física, passaram a não ser taxados. Ou seja, quando alguém recebe sua parcela de lucro como acionista de uma empresa no Brasil, não precisa pagar impostos sobre o valor.

Isso não quer dizer que o lucro fique sem nenhuma tribut   o. 34% de impostos são cobrados sobre o lucro das empresas no Brasil, o que reduz a renda dos acionistas. A mudança apenas concentra a cobrança no momento em que o lucro ainda está com a companhia, antes de o dinheiro ser transferido para o acionista.

Dos países da Organiza  o para a Coopera  o e Desenvolvimento (OCDE), apenas a Est  nia tem dividendos totalmente isentos de imposto de renda. A organiza  o reúne 34 países que adotam a democracia representativa e o livre mercado e que, em geral, tem elevado poder aquisitivo.

INSTITUI  O DOS JUROS SOBRE CAPITAL PRÓPRIO
Os juros sobre capital próprio (JSCP) são uma forma alternativa de a empresa distribuir lucro a seus acionistas. Em vez de ratear os ganhos por meio de dividendos, a empresa distribui JSCP aos acionistas e contabiliza esse valor como se fosse um gasto.

Nesse caso, a tribut   o fica a cargo do acionista (pessoa física), que paga sobre os JSCP recebidos um imposto de 15%. E o lucro contabilizado pela empresa fica menor, o que reduz o imposto a ser pago por ela antes da distribui  o de dividendos.

A cobrança de impostos sobre os lucros pode, portanto, recair sobre a empresa ou sobre o acionista pessoa física. A introdu  o destas duas altera  es em 1995 reduziu a tribut   o total sobre o lucro distribuído aos acionistas. Em simula  o feita no estudo, os impostos totais efetivamente cobrados sobre o lucro caem de 43,8% para 28,1% após as mudanças (os autores assumem que 30% do lucro    repassado aos acionistas via JSCP).

Além disso, os autores argumentam que esta    a situa  o que prevalece entre as grandes empresas. Nas empresas de médio e pequeno porte os níveis de tribut   o do lucro são ainda mais baixos, chegando a, no máximo, 10,88% do faturamento.

Mesmo quando a empresa não distribui JSCP, o máximo de impostos totais cobrados sobre lucros, somando a parcela das empresas e dos acionistas,    de 34% no Brasil hoje, valor que fica abaixo daquele aplicado em muitos outros países.

Quanto os países da OCDE cobram em impostos sobre o lucro

- 1 França 64,4%
- 2 Finlândia 64,0%
- 3 Estados Unidos 57,6%
- 4 Irlanda 57,1%
- 5 Dinamarca 55,2%
- 29 Brasil 34,0%*
- 30 Grécia 33,4%
- 31 Nova Zelândia 33%
- 32 Hungria 32,0%
- 33 República Tcheca 31,2%
- 34 Eslováquia 22,0%
- 35 Est  nia 20,0%

*O Brasil não integra a OCDE. A alíquota de 34% levada em considera  o se refere a casos em que não há nenhum desconto de impostos.

Isen  o contribui para concentrar renda

A menor taxaço das rendas do capital beneficia aqueles que são donos de a  es. Lucros e dividendos foram, em 2013, distribuídos a 2,1 milhões de pessoas, apenas 7,9% dos declarantes, com maior presença de pessoas do topo da pirâmide de renda. Entre os declarantes com rendimentos superiores a R   1,3 milhão por ano, 72% recebem lucros e dividendos. A redu  o dos impostos sobre a renda do capital (na forma de dividendos e JSCP), que    menos tributada do que o s  l  rio de muitos dos que ocupam as parcelas menos favorecidas, gera regressividade na estrutura tributária. Dois terços dos rendimentos dos 0,05% mais ricos do país    isenta de qualquer incidência tributária, segundo o estudo, propor  o superior a qualquer outra faixa de renda.

O trabalho t  m  m ressalta que a distribui  o de lucros e dividendos para acionistas aumentou entre 2007 e 2013 em um ritmo 41% superior

VEJA MAIS

- SOCIEDADE
- ECONOMIA

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



ASSINE O NEXO

VEJA MAIS

- SOCIEDADE
- ECONOMIA

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



apenas 12 reais por mês ou 120 por ano

VEJA MAIS

- SOCIEDADE
- ECONOMIA

RECEBA POR EMAIL

a_nexo
TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



apenas 12 reais por mês ou 120 por ano

ao do PIB.

R\$ 149 bilhões

Foram distribuídos como lucros e dividendos em 2007

R\$ 287 bilhões

Foram distribuídos como lucros e dividendos em 2013

“Não são necessárias grandes análises para perceber que a isenção de lucros e dividendos implica renúncia substancial de receitas para o governo e favorece a concentração de renda.”

Sérgio W. Gobetti e Rodrigo Orair
Autores do estudo “Tributação e distribuição de renda no Brasil”

Em [entrevista à BBC](#), o argentino Facundo Alvaredo, que integra a equipe do economista francês Thomas Piketty, autor do livro “O Capital no Século XXI”, que pesquisa desigualdade mundialmente, afirmou:

“É importante ressaltar que algum grau de desigualdade é importante para gerar incentivos [econômicos]. O ponto aqui é que os incentivos não parecem exigir níveis tão altos de desigualdade como os observados em muitos países em desenvolvimento, incluindo o Brasil”

Facundo Alvaredo
Economista

VEJA MAIS

SOCIEDADE

ECONOMIA

RECEBA POR EMAIL

a_nexo

TUDO O QUE IMPORTA LOGO PELA MANHÃ

DIGITE SEU EMAIL

RECEBER

BAIXE O APLICATIVO



ASSINE O **NEXO**

BAIXE O APLICATIVO



apenas 12 reais por mês
ou 120 por ano